

João Fernando de Castro Gonçalves dos Santos

**Os Talismãs da Vida: Magia, Religião e Ciência na Saga de
*Harry Potter***

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos:
Literaturas e Culturas, orientada pela Professora Doutora Maria de Fátima de Sousa
Basto Vieira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2015

**Os Talismãs da Vida: Magia, Religião e Ciência na Saga de
*Harry Potter***

João Fernando de Castro Gonçalves dos Santos

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos:
Literaturas e Culturas, orientada pela Professora Doutora Maria de Fátima de Sousa
Basto Vieira

Membros do Júri

Professor Doutor Gualter Mendes Queiroz Cunha
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria de Fátima de Sousa Basto Vieira
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Iolanda Freitas Ramos
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa

Classificação obtida: 17 valores

Sumário

Agradecimentos.....	6
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	9
Introdução.....	10-12
1. Capítulo 1 – A Recepção da saga <i>Harry Potter</i>	13-23
2. Capítulo 2 – Magia, Religião e Ciência – Uma Breve História.....	24-45
3. Capítulo 3 - Magia, Religião e Ciência em <i>Harry Potter</i>	46-65
3.1 - Os Talismãs da Vida.....	66-76
Conclusão.....	77
Referências Bibliográficas.....	78-81

Agradecimentos

Queria agradecer à minha Orientadora, a Professora Fátima Vieira, cuja ajuda foi de vital importância para a concretização desta dissertação, e sem a qual não poderia ter concretizado este pequeno sonho. Quero também agradecer toda a ajuda que me foi dado pela minha mãe, que me apoiou em todos os momentos, quer os melhores quer os de maior dificuldade. Finalmente, queria também agradecer aos meus queridos amigos e ao meu irmão mais novo, que me encorajaram e me deram muitas ideias fantásticas que ajudaram a enriquecer a dissertação.

Resumo

Os Talismãs da Vida: Magia, Religião e Ciência na saga de *Harry Potter*

Esta dissertação versa sobre a saga *Harry Potter*, de J. K. Rowling. Embora não pertença (ainda) ao cânone literário, a saga é uma das mais amadas e populares dos últimos tempos, com influências comprovadas na cosmovisão das gerações mais novas. A dissertação tem como objetivo analisar a saga do ponto de vista das relações que estabelece entre as esferas da magia, da religião e da ciência.

Num primeiro momento, a dissertação propõe uma breve revisão da história da magia, da religião e da ciência, recorrendo para o efeito à perspetiva avançada por autores das mais variadas áreas, desde J.G. Frazer e Bronislaw Malinoswki a Einstein e ao Papa Francisco, passando por muitos outros nomes de relevo.

Num segundo momento, a dissertação propõe a leitura da saga *Harry Potter* através das lentes da magia, da religião e da ciência, selecionando passos e situações descritos na saga onde estas perspetivas são evidentes. A dissertação sublinha o carácter holístico da cosmovisão que J. K. Rowling propõe ao seu jovem público leitor, evidenciando que as diferentes esferas não deverão ser encaradas individualmente, devendo antes ser feito um investimento na compreensão do nexos de relações que entre elas se estabelece. Adicionalmente, sugere-se que a magia é a forma como os feiticeiros do mundo de Harry fazem ciência.

A dissertação propõe, por fim, que os “Talismãs da Morte” que dão o título ao último romance da saga devam na realidade ser vistos como os “Talismãs da Vida”, e sublinha a necessidade urgente da boa compreensão da obra, povoada por personagens e situações de vida nitidamente subsidiárias de lendas, mitos e tradições.

Procura-se desta forma demonstrar que *Harry Potter* torna possível uma relação menos conflituosa entre a Magia, a Religião e a Ciência no século XX, que são afinal três formas diferentes de se estudar o mundo.

Abstract

“Os Talismãs da Vida: Magia, Religião e Ciência na saga de *Harry Potter*”

This dissertation concerns J.K. Rowling’s popular saga, *Harry Potter*. Even though it does not belong in the literary canon (yet), this is one of the most beloved and popular sagas of all times, which has already proved to be quite influential amongst young readers. My purpose with this dissertation is to analyze the saga through the relationship that I will be establishing between magic, religion and science.

In a first instance, I shall perform a brief revision of the history of magic, religion and science using the advanced perspective of authors from various fields of study, from J.G. Frazer and Bronislaw Malinowski to Albert Einstein and Pope Francis, and many other relevant names.

In the second chapter, I will propose a reading of the *Harry Potter* saga through the prisms of magic, religion and science, selecting certain moments and situations from the story in which these perspectives are clear. With this dissertation I wish to underline the holistic character of the cosmovision that J.K. Rowling proposes to her young readers, thus making it clear that the three different afore mentioned spheres shouldn’t be analyzed individually, but rather through the relationship that is established between them. Moreover, it will be suggested that magic is the way wizards in Harry’s world do science.

I shall finally propound that “The Deathly Hallows” whose name is the same as the last volume of the saga can in fact be seen as “Hallows of Life”, thus underlining the urgent need for a good understanding of the saga, peopled by characters and life situations clearly reminiscent of legends, myths and traditions.

In this way it will be demonstrated how *Harry Potter* makes it possible for magic, religion and science to coexist harmoniously in the 20th century and that these three topics are three different ways to study our world.

Abreviaturas

Dado o número elevado de livros de J. K. Rowling que estudo nesta dissertação, optei por os referir através das seguintes formas abreviadas:

. *Harry Potter and the Philosophers's Stone* (1997, Londres, Bloomsbury) - *Philosopher's Stone*

. *Harry Potter and the Chamber of Secrets* (1998, Londres, Bloomsbury) – *Chamber of Secrets*

. *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (1999, Londres, Bloomsbury) – *Prisoner of Azkaban*

. *Harry Potter and the Goblet of Fire* (2000, Londres, Bloomsbury) – *Goblet of Fire*

. *Harry Potter and the Order of the Phoenix* (2003, Londres, Bloomsbury) – *Order of the Phoenix*

. *Harry Potter and the Half-Blood Prince* (2005, Londres, Bloomsbury) – *Half-Blood Prince*

. *Harry Potter and the Deathly Hallows* (2007, Londres, Bloomsbury) – *Deathly Hallows*

Introdução

Com esta minha dissertação sobre *Harry Potter*, procuro dar um contributo diferente para a área dos Estudos de Cultura Inglesa em Portugal, já que a literatura juvenil – e mais ainda a literatura fantástica contemporânea – não tem recebido muita atenção por parte da Academia portuguesa. A ideia de elaborar um estudo extenso sobre *Harry Potter* motivava-me há muito, e foi em grande parte com essa expectativa que me inscrevi no Curso de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos da FLUP. Apesar do conhecimento prévio que tinha da saga que celebrizou J. K. Rowling, a tarefa revelou-se mais árdua e complexa do que eu pensava, mas também proporcionalmente mais interessante, profunda e recompensadora.

O primeiro obstáculo foi colocado precisamente por aquilo que mais me fascinava: a magia na obra de J.K. Rowling. A dificuldade adveio do meu desejo de explorar uma perspetiva de análise que fosse ao mesmo tempo interessante para mim, em termos pessoais, e simultaneamente inovadora e significativa para o saber académico. Inicialmente, pensava estudar simplesmente o papel da magia na saga; contudo, à medida que fui tomando consciência das ligações entre as raízes da magia e o pensamento mágico primitivo, a religião e a ciência, bem como da forma como a magia se metamorfoseou ao longo dos tempos, foi-se tornando claro qual seria o caminho de investigação que eu queria seguir. Fascinava-me, em particular, a forma como Rowling apresenta a magia aos seus leitores, influenciando assim a forma como toda uma geração vê a magia nos nossos dias.

O estudo que efetuei para a redação desta dissertação confirmou J.K. Rowling como uma escritora muito imaginativa, mas também – e esse é o aspeto que considero mais interessante – uma leitora muito ávida e bastante informada. A trama da saga de *Harry Potter* desenvolve-se de facto sobre um conhecimento profundo de cosmovisões diferentes, enraizadas em crenças religiosas, lendas populares ou ainda conhecimento científico, a que se associa o relato de experiências de vida pessoais.

Nesta dissertação, proponho ao leitor uma viagem longa, apresentando a magia através das lentes de diferentes povos de épocas e costumes variados, começando no homem primitivo para depois passar em revista lendas antigas, como as do rei Artur e analisar de seguida a forma como a magia era vista na Idade Média, e ainda pelos grandes pensadores do Iluminismo, e mesmo por algumas das maiores referências da nossa civilização incluindo Albert Einstein e o próprio Papa Francisco.

Início a dissertação com algumas notas biográficas sobre J. K. Rowling, detendo-me em particular sobre a forma como a autora e a sua obra têm sido acolhidas pelo público. Neste primeiro capítulo evidencio a forma como a magia sempre foi algo temido, desde o início dos tempos, aproveitando para questionar a razoabilidade desse medo e para levantar a hipótese de Rowling contribuir, na sua obra, para responder a essa questão. Analiso nesse momento do meu texto diferentes fontes, prestando particular atenção a notícias divulgadas pela comunicação social.

No segundo capítulo da minha dissertação, procedo a uma breve análise da história da magia, da religião e da ciência através dos tempos, apoiando-me em publicações de autoridades no campo da antropologia, tais como J.G. Frazer, Bronislaw Malinowski e Marcel Mauss, para tentar compreender a forma como os antigos viam a magia e o papel que esta desempenhava nas suas vidas. Autores como Randall G. Styers, Lynn Thorndike, Philip Carr-Gomm mostraram-se cruciais para que eu pudesse, nesse segundo capítulo, contextualizar e compreender o papel e a relação da magia com a religião e a ciência, tanto no passado como no presente. A referência às perspetivas de Albert Einstein e do Papa Francisco justifica-se pelo meu desejo de evidenciar uma possível interação entre a religião e a ciência, um aspeto que nem sempre é tido em consideração. Neste capítulo proponho assim uma visão conciliadora das relações entre a magia, a religião e a ciência.

O terceiro capítulo da dissertação é dedicado à análise da saga de *Harry Potter*, mais precisamente à forma como a magia, a religião e a ciência poderão ser vistos como princípios estruturantes da obra, e mutuamente conciliáveis. O propósito deste capítulo – e de toda a dissertação, na verdade – é evidenciar que a saga é muito mais complexa do que aparenta, devendo ser encarada como muito mais do que uma mera história para crianças (apesar de ter sido esse o seu objetivo inicial). Recorrendo aos estudos de David Colbert, entre outros autores, demonstro neste capítulo que a saga *Harry Potter* não só propõe uma visão conciliadora de elementos mágicos, religiosos e científicos, como também demonstra a eficácia desses elementos quando vistos de forma articulada. Com o intuito de enfatizar este aspeto, detenho-me neste capítulo numa análise dos Talismãs da Morte descritos no último livro da famosa saga, visando defender a ideia de que, na verdade, eles deverão ser encarados como “talismãs da vida”, desempenhando um papel importante na nossa sociedade.

O estudo que apresento é necessariamente incompleto e limitado pela perspetiva que me propus explorar. A saga *Harry Potter* é de facto demasiado extensa e também

demasiado rica, em termos de referências, para que o seu estudo coubesse no espaço de uma dissertação de mestrado. Espero contudo contribuir com este estudo para a percepção da importância da magia na saga *Harry Potter* e para o desvendamento das relações de solidariedade que desenvolve com a religião e com a ciência, e assim evidenciar o interesse do estudo da obra na Academia, no âmbito dos Estudos culturais. Como leitor aficcionado da obra de Rowling, nada me daria mais prazer.

Capítulo 1

A Receção da saga *Harry Potter*

Without contraries is no progression. Attraction and repulsion, reason and energy, love and hate, are necessary to human existence.

William Blake, *The Marriage of Heaven and Earth*

J. K. Rowling é a autora da saga de fantasia *Harry Potter* que ganhou vários prémios e vendeu mais de 400 milhões de cópias. Os livros da autora tornaram-se a série mais vendida de todos os tempos e os filmes que foram feitos a partir dos livros os mais lucrativos de sempre, em todo o mundo. A série é mundialmente conhecida pelo jovem feiticeiro, Harry Potter, que descobre o seu destino como habitante do mundo da magia, que faz fronteira com o mundo das pessoas “não mágicas” (os Muggles), entre as quais Harry vive em opressão. Na escola de magia dos feiticeiros, Hogwarts, Harry aprende a desenvolver os seus poderes e capacidades mágicas e fica a saber, pouco a pouco, o que o seu destino lhe reserva e o papel que lhe cumpre desempenhar no mundo da feitiçaria.

Tudo é resolvido através de varinhas mágicas e o correio é entregue por corujas. Os estudantes da escola de Hogwarts usam mantos compridos e o programa escolar prevê a aprendizagem e o lançamento de feitiços, aulas de poções e de herbologia, história da feitiçaria e tratamento de criaturas mitológicas e mágicas – um programa que motivaria qualquer criança e adolescente do nosso mundo a ir à escola.

No entanto, nem todas as pessoas veem o mundo da magia de *Harry Potter* de forma positiva. Este mundo foi já também chamado de satânico e J.K. Rowling, a autora, foi já acusada (principalmente por grupos religiosos) de querer incitar os seus leitores à criação de clubes ocultos de magia negra e a tornarem-se feiticeiros.¹ Um dos primeiros conflitos ocorreu nos Estados Unidos, em Zeeland, Michigan quando um diretor de uma das escolas proibiu os professores de lerem *Harry Potter* em voz alta às suas turmas por causa do que ele acreditava serem referências positivas à bruxaria. Estes críticos com um passado mais conservador acreditam que os livros de Rowling promovem a bruxaria e, explícita ou implicitamente, são uma tentação para as crianças se envolverem no mundo do oculto. Em resposta, um grupo que assumiu o lema “Muggles for Harry Potter” fez uma campanha para que a proibição fosse suspensa e *Harry Potter* bem lido e bem-sucedido. Também nos Estados Unidos, no Novo México,

¹ <http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/1735623.stm>, s.a., 2001

houve livros de *Harry Potter* que foram queimados numa fogueira. Os autores desta queima pública de livros eram habitantes de Alamogordo, liderados pelo padre Jack Brock, que acusava o jovem feiticeiro de ser o diabo em pessoa.²

Em Fevereiro de 2002, os livros foram proibidos para uso escolar nas Emirados da Arábia Saudita. O facto de Harry ir para uma escola de feiticeiros e combater monstros e outros feiticeiros tinha sido percebido por muitos como uma forma de tentar atrair crianças para a prática de magia negra. O caso é visto por várias pessoas de forma tão negativa que várias escolas e lojas de brinquedos e livrarias chegaram a banir os livros de *Harry Potter* e o seu respetivo *merchandise*; uma cidade em Somerset chegou mesmo a apresentar uma petição contra o primeiro filme.

A saga de *Harry Potter* liderou a lista da American Library Association, de 1999 a 2001, dos “most challenged books of all time” e já chegou a estar no *top 10* durante três anos seguidos (2001-2003) da lista dos “Frequently Challenged Books of the 21st Century.” O ocultismo/satanismo, o ponto de vista religioso, de uma forma geral, bem como a violência, são os aspetos mais referidos por aqueles que têm vindo a opor-se aos livros de Rowling.”³

Note-se contudo que, em contraste a estes comentários mais negativos, muitos são os que veem as histórias do jovem feiticeiro como inofensivas e uma forma fantástica de entretenimento. A queima de livros em Alamogordo não deixou de facto de provocar reações. Vicky O’Reilly, uma residente na área, declarou: “burning books leads to ignorance and that’s why I’m standing out here. My son loves *Harry Potter*.”⁴ Outras pessoas empunhavam cartazes; um deles dizia: “Hitler – Bin Laden – Pastor Brock – what great company.” Outros residentes usaram chapéus de bruxa, pretos e pontiagudos e uma pessoa chegou mesmo a levar uma vassoura como forma de apoio à saga de Harry.⁵

Tal como demonstrarei nesta dissertação, *Harry Potter* também é visto como uma saga que desperta a imaginação de milhões de leitores. Crianças de todo o mundo leem *Harry Potter* porque o consideram imaginativo e muito divertido. De acordo com Nancy Flanagan, os livros de *Harry Potter* têm inegável valor literário, destacando-se

² Segundo as BBC news [o Padre Brock terá declarado: “...behind that innocent face is the power of satanic darkness, Harry Potter is the devil and he is destroying people” – cf.] (<http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/1735623.stm>, s.a. 2001) Segundo Nancy Flanagan Knapp, Padre Brock chamou ainda a *Harry Potter* “a masterpiece of Satanic deception” (*apud.* Knapp, 2003: 78).

³ <http://www.ala.org/bbooks/frequentlychallengedbooks/top10>

⁴ <http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/1735623.stm>, s.a., 2001

⁵ <http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/1735623.stm>, s.a., 2001

pelo facto de conseguirem captar tanto a atenção das crianças, como dos adolescentes e dos adultos. *Harry Potter* foi considerado inicialmente como literatura infantil e, de facto, quando tentou fazer com que os seus livros fossem publicados, J.K. Rowling tentou inscrevê-los nessa categoria.

Como Flanagan fez notar, os livros, para além de muito interessantes, estão também muito bem escritos. Essa é sem dúvida a explicação para os numerosos prémios literários que J.K. Rowling recebeu e para o facto de muitos dos leitores de Rowling mais atentos serem jovens que habitualmente não gostam de ler, mas que acabam por devorar, num só dia, volumes com mais de 700 páginas (Knapp, 2003: 3).

Para Benoit Virole, o sucesso de *Harry Potter* encontra a sua razão no estilo narrativo de Rowling, assente em sequências narrativas curtas, reveladas numa sequência espaço-temporal claramente definida e determinada, mas sem quaisquer descrições detalhadas. Trata-se de um método que poderá perturbar os amantes da língua escrita, mas o efeito é eficaz e perfeitamente adaptável à cognição das crianças de hoje, que cresceram com um fluxo constante de imagens e para quem a rapidez mental das imagens e a concentração em ação no ecrã são preferíveis a descrições literais e às complicações de estados de espírito, tais como os que são habilmente descritos nos livros. A escrita de Rowling reconhece restrições universais na produção de significados. Ao colocar a ênfase no contraste entre os sítios que Harry visita e os mitos e personagens do seu mundo e do mundo real, Rowling oferece um universo que é explicado através de uma relação entre o bem e o mal, o que torna as descrições detalhadas dispensáveis. A simples comparação entre os detalhes do mundo de Harry (por exemplo, a Floresta Proibida) e do mundo real basta para estimular imagens mentais nos leitores e fazer-lhes ver as implicações e os significados que esses sítios, personagens e mitos têm em termos do que é bom e do que é mau (Virole, 2004: 374).

O mundo inventado por Rowling faz-nos sem dúvida lembrar aquele que foi criado por J.R.R. Tolkien em *The Lord of the Rings*. Ambas as sagas partilham o elemento do maravilhoso e do sobrenatural, um elemento de fantasia. Ambas as obras podem ser consideradas contos de fadas, visto conterem elementos de fantasia. De acordo com Tolkien, um bom conto de fadas deverá conter: o uso da palavra ou conceito de “Faërie”, uma dimensão perigosa, o local onde ocorre uma ação que envolve perigo e trevas, uma magia sóbria de um poder e disposição particulares, sendo que “sóbria” significa magia à qual seja imposta limites. Além disso, a magia terá de ser levada seriamente e não poderá ser satirizada mesmo que o livro como um todo seja

satírico no tom. Os bons contos de fadas deverão ainda envolver seres humanos como personagens e dirigirem-se a um ou mais desejos humanos primordiais, tal como o desejo de comunicar com outras criaturas ou de viajar através do espaço e do tempo. Finalmente, segundo Tolkien, os contos dão quatro presentes muito valiosos ao leitor: Fantasia, Cura, Escape e Consolo (*apud.* Sturgis, 2004: 3). Todas estas características poderão ser encontradas em *Harry Potter*.

Em primeiro lugar, Rowling invoca a essência de Faërie, a essência de um mundo que não é o nosso, mas que, apesar de todas as suas características sobrenaturais pode ser visto como uma visão alternativa do nosso. Rowling oferece a sua versão de um mundo de fantasia, com o qual o leitor se poderá relacionar facilmente e no qual se pressente uma espécie de poder superior em ação, um poder que não pertence ao mundo do próprio leitor. Pode ser difícil de definir, mas há sempre uma aura e poderes misteriosos em ação. Tais mistérios incluem um castelo encantado, uma floresta proibida e uma aldeia mágica. Além disso, o mundo da magia de *Harry Potter* é um local perigoso, cujos habitantes recordam as atrocidades do passado cometidas por Voldemort. Todos se lhe referem como “He-Who-Must-Not-Be-Named”, temendo que ele se erga mais uma vez depois da derrota que sofreu às mãos de Harry e da sua família.

Em segundo lugar, Rowling leva a magia de Hogwarts e do seu ambiente circundante muito seriamente. A legitimidade dos encantamentos e feitiços usados de forma eficaz nunca é questionada. A magia em Hogwarts é uma força permanentemente usada tanto para ataque como para defesa, sendo apresentada como algo real, que não existe apenas em sonhos, o que justifica a crença do leitor.

Em terceiro lugar, a série envolve seres humanos normais como personagens, quer sejam os Muggles que não têm magia ou até mesmo (exemplos muitos raros) feiticeiros que nasceram sem magia (chamados de Cepa tortas⁶), quer os próprios feiticeiros que podem ser reconhecidos como seres humanos. As perspetivas do leitor são ecoadas nas perspetivas de Harry e da sua amiga Hermione que, apesar de serem feiticeiros, foram criados num mundo sem magia, o chamado “mundo real”.

A série de livros também se dirige a desejos humanos primordiais: Harry comunica com criaturas mágicas e até faz amizade com um meio-gigante, um lobisomem, um elfo-doméstico, um fantasma e um centauro, entre muitos outros.

⁶ “Squib” é o termo original inglês.

Outros desejos realizados são viajar no tempo e até prolongar a vida graças a uma pedra mágica, a pedra filosofal. Rowling oferece, assim, o quarteto de qualidades de um conto de fadas que Tolkien tanto defendeu.

Na Fantasia, o mundo mágico e o não-mágico surgem fundidos. Na Cura, Harry compara cartas que falam e fotografias e quadros que se movem aos seus equivalentes “reais” após cada ano passado em Hogwarts. Tais comparações oferecem um Escape do mundo normal que tão mal tratou Harry. Finalmente, cada livro oferece Consolo ao leitor e ao próprio Harry, apesar de todos os perigos pelos quais ele passa nos seus anos na escola mágica. Ao conseguir satisfazer estes critérios, J.K. Rowling escreveu uma boa história tanto em termos de estrutura como de conteúdo, de acordo com os critérios propostos por J.R.R. Tolkien.

Uma outra razão para admirarmos os livros de Harry Potter é que o seu mundo de fantasia é consistente: tem as suas próprias “leis da natureza”, que não são quebradas arbitrariamente. É o que se passa, por exemplo, em relação ao conceito de morte. Mais concretamente, existem limites em relação ao que se pode fazer com a magia no mundo de Harry. No seu mundo de salvação, onde se sente em casa, o mundo da feitiçaria ou, mais precisamente, a escola de Hogwarts, Harry aprende, no meio do seu sofrimento e da saudade que sente dos pais que nunca chegou a ter, que os mortos não podem ser ressuscitados. Ao pensar nesta situação, vemos que a autora de Harry Potter não tem intenção de apelar ou de incentivar os seus leitores à magia negra. Como se verá mais à frente, a magia negra normalmente implica a ressurreição dos mortos, mas na forma de cadáveres, ou de zombies, um dos meios, aliás, que Voldemort usa para tentar conquistar o mundo dos feiticeiros e para erradicar os Muggles, as pessoas não mágicas. O facto de as pessoas não poderem regressar do mundo dos mortos da forma como eram e os esforços de Harry para erradicar Voldemort e os seus métodos sanguinários são prova de que J.K. Rowling quer incitar os seus leitores à sua própria luta contra o mal em nome do bem. Desta forma, são derrubadas todas as teorias de que J.K. Rowling é uma apologista do satanismo ou do próprio mal no sentido pejorativo que as palavras “bruxaria”, “magia” e “feitiçaria” implicam.

Estas restrições que imperam no mundo de Harry Potter fazem com que a magia de Rowling nunca deixe de ter como base o “real.” A magia da escritora reflete aquilo que são alguns dos receios do ser humano, sendo um deles a morte. De acordo com Nancy Flanagan Knapp, estas preocupações com a morte são comuns no nosso dia-a-dia, pois é raro encontrar-se um ser humano que não a tema. Estas preocupações têm

raiz na falibilidade e no egoísmo, mas também na incrível coragem da nossa natureza humana (Knapp, 2003: 6). Como se poderá verificar pela leitura dos livros de Rowling, a maioria das suas personagens são bastante humanas e realisticamente complexas. Harry, sendo a personagem que mais sofre ao longo da série (ou é mais mostrada a sofrer), devido à complexidade do seu sofrimento é capaz de representar todas as pessoas que estejam a passar por momentos maus.

Harry é de facto uma personagem com a qual todas as pessoas, principalmente as crianças, se poderão identificar devido ao desejo de quererem escapar à sua realidade. Apesar de todas as tentações pelas quais Harry passou e que permitiriam fácil acesso ao mundo da magia negra, ou de Voldemort, apesar de muitas conclusões erradas, riscos muitas vezes insensatos, e apesar de ter muitas vezes ficado confuso com o que a realidade tinha para lhe dar, Harry foi sempre bom. No que realmente conta, quase instintivamente, ele fez sempre a escolha certa ou, melhor dizendo, a escolha moral que é mais uma prova de que é o bem que tem de triunfar contra o mal, e não o contrário. Cada uma das escolhas de Harry no sentido de preservar o outro em vez da sua própria pessoa, o certo em vez do errado, acaba por determinar a vitória de Harry sobre o seu arqui-inimigo e é também uma das razões da sua sobrevivência face às várias tentativas de assassínio por parte de Voldemort e dos seus servos, os Devoradores da Morte.⁷ Harry demonstra que o que importa é o que está dentro de uma pessoa e não o nascimento e as circunstâncias do mesmo. Em vez da fonte de magia negra e de maldade que muitas pessoas acreditam que Harry Potter é, esta série e a sua personagem principal servem, simplesmente, como forma de escape à realidade e, por isso, uma fonte de conforto.

De acordo com Knapp, os livros de *Harry Potter* levantam questões de grande importância para o desenvolvimento ético e social das crianças. Para além de atrair o seu interesse, estes livros ajudam as crianças a aprender sobre a vida, já que levantam questões de grande significado moral, contribuindo assim para o seu desenvolvimento na sociedade. Knapp acredita que a melhor história oferece às crianças pré-adolescentes uma “experiência visual” através da qual elas possam processar questões de ética e avaliar o impacto de diferentes escolhas morais antes de terem de enfrentar estas escolhas na vida real. Ao viverem através dos olhos dos seus heróis sobre os quais leem, as crianças conseguem desenvolver coragem e convicções de que irão precisar para

⁷ “Death Eaters” é o termo inglês.

resistirem a todos os males, mesmo os mais prosaicos, que terão de enfrentar inevitavelmente à medida que crescem (Knapp, 2003: 8).

Esta leitura da utilidade de *Harry Potter* é corroborada por um estudo psicológico realizado com crianças e adolescentes publicado pelo *Journal of Applied Social Psychology*, de acordo com o qual ler a saga de *Harry Potter* melhora de forma significativa a percepção de pessoas sobre jovens de grupos estigmatizados, tais como imigrantes, homossexuais ou refugiados.⁸ De acordo com o estudo, o maior feito de Harry Potter poderá não ter sido derrotar o senhor das trevas, Voldemort, mas ensinar aos jovens de todo o mundo como estes hão-de combater o preconceito.⁹

Contudo, há quem acredite que os temas dos livros são, de certa forma, inapropriados ou até mesmo prejudiciais para as crianças. Alguns críticos consideram-nos demasiado pesados, demasiado assustadores para as crianças pré-adolescentes que são os seus leitores mais ávidos. No entanto, uma leitura atenta revelará que muitas pessoas nos livros fazem coisas boas e que, por isso, muitas coisas boas lhes acontecem. Um dos apologistas da leitura de Harry Potter, Peter Denton, afirma:

I think it is a wiser course of action to let children see something of the world as it is, something of what evil lurks in the hearts of other people, to help them learn the nature of the choices they will have to make, in order that they have a better chance of fending for themselves when there is no longer an adult around to protect them. (*apud.* Knapp, 2003: 86).

⁸ <http://www.psmag.com/navigation/books-and-culture/harry-potter-battle-bigotry-87002/>, Jacobs, 2014

⁹ Foram realizados três estudos diferentes. O primeiro envolveu 34 estudantes italianos do quinto ano que frequentaram um curso de seis semanas sobre *Harry Potter*. Os investigadores pediram aos estudantes para preencherem um questionário sobre imigrantes e depois estes foram divididos em dois grupos, sendo que cada grupo leu passos diferentes dos livros. Os alunos do primeiro grupo discutiram o preconceito e a intolerância como temas dos livros, ao passo que o outro grupo não o fez servindo este como um grupo de controlo. Os alunos do primeiro grupo mostraram atitudes melhoradas em relação aos imigrantes, mas somente se fossem relacionados com *Harry Potter*. Um segundo estudo com 117 alunos italianos do ensino secundário revelou que a identificação emocional de um leitor com a saga fora associada com percepções mais positivas de pessoas gays, bissexuais e transsexuais em geral. Um terceiro estudo que investigou estudantes britânicos da faculdade acabou por não encontrar nenhuma associação entre um laço emocional com Harry e as percepções de refugiados, mas indicou que estudantes que tivessem menos identificação emocional com Voldemort tinham atitudes melhoradas em relação aos refugiados. Nos três estudos, os investigadores deram crédito aos livros por melhorarem a capacidade dos leitores para assumirem a perspectiva de grupos marginalizados. Os investigadores também afirmaram que as crianças conseguiram perceber que o apoio constante de Harry em relação aos Muggles, ou como os Devoradores da Morte lhes chamam, “Sangues de Lama” (Mudbloods), é uma alegoria em relação à intolerância na nossa vida real. É claro que tal raciocínio por parte das crianças teve que ser monitorizado por um professor. De acordo com a equipa de investigação liderada por Loris Vezalli, da Universidade de Modena, e por Reggio Emilia, estes resultados sugerem que ler a famosa saga pode ajudar à redução da do preconceito. Adicionalmente, os estudos também comprovam que ler ficção literária pode ajudar a reduzir o racismo, ajudando os leitores a identificarem-se com personagens de diversos tipos. Estas mensagens em *Harry Potter* são introduzidas com sucesso no meio de uma história imaginativa e apelativa (<http://www.psmag.com/navigation/books-and-culture/harry-potter-battle-bigotry-87002/>, Jacobs, 2014).

Knapp também acredita que se as pessoas lessem os livros com uma mente aberta em vez de terem medo deles sem sequer saberem os pormenores, conseguiriam ver que a magia de Rowling não é nem satânica nem oculta na sua origem. Na magia que Harry aprende em Hogwarts não encontramos a invocação de demónios ou espíritos. A magia dos livros parece-se mais com a ciência da nossa própria cultura, uma ferramenta que pode ser usada tanto para o bem como para o mal, dependendo dos objetivos das pessoas que a controlam. Na verdade, de acordo com Knapp, a saga de Harry é uma das últimas histórias no seio de uma longa tradição na literatura infantil que coloca a magia do bem em confronto com a magia do mal.

Outras histórias com características semelhantes são *The Wizard of Oz*, dos irmãos Grimm, *The Lord of the Rings*, de J.R.R. Tolkien e *The Chronicles of Narnia*, de C.S. Lewis. A luta do bem contra o mal nestas histórias poderá ser relacionada, como se verá mais à frente, com o apelo cristão à paz e à derrota do mal. *Harry Potter* está de facto mais relacionado com o Cristianismo do que as pessoas julgam. Alguns exemplos concretos desta ligação à fé cristã poderão ser encontradas no facto de: os feiticeiros de *Harry Potter* se casarem, batizarem os seus filhos e celebrarem o Natal e a Páscoa. Após uma leitura mais atenta, o leitor apercebe-se de que J.K. Rowling encoraja os seus leitores a uma reflexão sobre questões morais ancestrais. Voldemort diz a Harry: “There is no good or evil, there is only power, and those too weak to seek it” (*Philosopher’s Stone*, 291). Todavia, Voldemort falha sempre nos seus objetivos, impedido não pelos poderes mágicos de Harry, mas pela sua lealdade, a sua coragem e o amor dos seus pais que o salvam mesmo para além da morte, características e crenças cristãs que serão explicadas e exploradas nos seguintes capítulos. Harry é o herói não por ser grande ou forte ou famoso ou esperto ou até mesmo poderoso, mas porque no fim ele escolhe sempre aquilo que é bom e recusa-se a aceitar tudo o que seja malignamente apelativo apesar das consequências que isso possa acarretar para ele próprio. Parafraseando o diretor de Hogwarts, Dumbledore, o ser humano parece ter tendência a escolher tudo aquilo que lhe é prejudicial; Harry não é uma dessas pessoas (idem, 335).

No entanto, o medo em relação à magia e os protestos não deixam de existir, e no meio de todas as respostas a estes protestos, acredito que será importante salientar as respostas da própria autora de *Harry Potter* em relação a esta polémica. A escritora sempre negou que o objetivo dos seus livros fosse levar as crianças a meterem-se na feitiçaria. Em 1999, numa entrevista à CNN, Rowling declara que:

I absolutely did not start writing these books to encourage any child into witchcraft. I'm laughing slightly because to me, the idea is absurd. I have met thousands of children and not even one time has a child come up to me and said, "Ms. Rowling, I'm so glad I've read these books because now I want to be a witch."¹⁰

Numa outra entrevista, desta vez ao *Donny & Marie Show*, também em 1999, Rowling afirmou: "You have a perfect right, of course, as every parent does, and I'm a parent, to decide what your child is exposed to. You do not have the right to decide what everyone else's children are exposed to. So that's how I feel about it."¹¹ Abordando mais uma vez a questão da preocupação com o destino das crianças que leem Harry Potter e questionada acerca da controvérsia que girava à volta dos seus livros, a autora comentou ainda num documentário de 2001, *Harry Potter and Me* que:

People underestimate children so hugely, they know it's fiction. When people are arguing from that kind of standpoint, I don't think reason works tremendously well. But I would be surprised if some of them had read the books at all.¹²

A ironia e também frustração desta situação é que muitos dos comentários negativos são feitos por pessoas que não se deram ao trabalho de ler os livros e que os atacam só por ouvirem palavras como feitiçaria, magia, bruxa/s, e bestas/monstros.

No entanto, aqueles que investem algum do seu tempo na leitura dos livros são os que conseguem construir melhores comentários. Entre estes, surgem alguns que, em vez de fortalecerem as convicções de grupos religiosos de que *Harry Potter* é satânico, trazem à luz o carácter espiritual e até mesmo religioso que existe nos livros de *Harry Potter*, tema que desenvolverei no terceiro capítulo. Por este motivo, *Harry Potter* é considerado boa leitura, e todas as pessoas são encorajadas a ler a saga do jovem mago para poderem encontrar algum consolo em relação à realidade que vivem. Um exemplo deste ponto de vista pode ser visto no comentário de Mary Margaret Keaton em "Harry Potter: A Tool for Sowing Seeds of the Gospel" (2001):

Harry Potter books demonstrate virtue over vice, good over evil, love beyond measure... tucked among the preteen gags, human frailties, and fantastical mythos of the Harry Potter books lay the seed of the Gospel – love, self-sacrifice, discipline, friendship, freedom. (*apud.* Butler, 2003: 9).

Harry Potter conseguiu transmitir esta mensagem de forma tão eficaz que houve pessoas que escreveram cartas exprimindo a sua gratidão a J.K. Rowling por ter escrito

¹⁰ <http://edition.cnn.com/books/news/9910/21/rowling.intvu/>, s.a., 1999

¹¹ <http://www.accio-quote.org/articles/1999/1199-osmonds.html>, Carmer, 1999

¹² <http://www.accio-quote.org/articles/2001/1201-bbc-hpandme.htm>, Marvolo & Thogersen, 2001

a saga, alegando que esta lhes mudou as vidas por completo por causa das mensagens de esperança que transmite.¹³

Apesar de todas as coisas positivas que foram ditas sobre *Harry Potter*, continua a permanecer uma questão: por que é que existe este medo profundo em relação à magia? A magia foi vista, em muitos momentos da história da humanidade, como algo de tenebroso, a ser temido e até mesmo castigado. Os cultos religiosos sempre fizeram esforços imensos para afastarem a magia de forma definitiva da sociedade e convencerem o público em geral de que é algo em que não se pode confiar. A própria ciência negou e chegou até mesmo a ridicularizar todas as ideias “fantásticas” e “mágicas” que o ser humano desenvolveu desde os tempos mais antigos sobre a vida humana, a natureza e o ambiente envolvente. Para os cientistas, a magia era um método primitivo de explicar o mundo e a vida humana e, por isso, desenvolveram teorias que andam à volta do mesmo assunto: que não há nada de místico no mundo, que há uma explicação racional e lógica para tudo. A magia foi sempre vista por muitos como algo que corrompe o ser humano. Se observarmos atentamente o conflito que existe entre os cultos religiosos e os temas de *Harry Potter*, esta perseguição à saga poderá ser comparada à caça às bruxas que ocorreu no passado.

Mas serão a magia e a religião assim tão diferentes? Não terão estas duas formas de encarar a vida elementos semelhantes de misticismo e de sobrenaturalismo na forma como os seus rituais são executados e na forma como tentam resolver os problemas do nosso dia-a-dia, ou melhor, da vida humana? E não poderá a ciência aprender um pouco com a magia e a religião e até mesmo analisar o comportamento e o desenvolvimento da humanidade através delas e chegar a novas conclusões sobre a forma como o ser humano poderá evoluir? Não será possível encontrarmos certas semelhanças nos propósitos que a religião e a ciência desejam servir na nossa sociedade? E não será *Harry Potter* um bom exemplo de como a magia é aceite de braços abertos pelo público em geral apesar do seu carácter evidentemente ilusório?

No capítulo que se segue farei referência a autores especialistas em estudos da magia, tais como J.G. Frazer, Philip Carr-Gomm, Marcel Mauss e Bronislaw Malinowski, e autoridades religiosas e científicas tais como o Papa Francisco e Albert Einstein, respetivamente, para ilustrar a forma como a magia foi vista ao longo dos

¹³ Para mais informações sobre algumas das cartas ver em: <http://harrypotterforseekers.com/articles/chrisnihill.php> um website dedicado a uma profunda exploração das temáticas religiosas de *Harry Potter*.

tempos em relação à religião e à ciência, e evidenciar como este nexo de relações é visto nos nossos dias.

Nos dois últimos capítulos, através da minha análise da própria saga de *Harry Potter*, proponho-me provar que a autora, J.K. Rowling, usa os seus livros para ilustrar (implicitamente) e defender as suas próprias crenças religiosas, e que a magia em *Harry Potter* pode ser vista como a forma que os feiticeiros têm de estudar o mundo, ou seja, fazer a sua própria ciência. Quero provar que o mundo de *Harry Potter* pode ser visto como um mundo paralelo ao nosso, uma outra possibilidade de vida, onde a magia é o elemento que une a religião e a ciência. Para fortalecer a ligação entre *Harry Potter* e os três tópicos supra mencionados (magia, religião e ciência) utilizarei os três Talismãs da Morte que aparecem no último livro da saga de Rowling, *Harry Potter and the Deathly Hallows*.

Desejo demonstrar a forma como *Harry Potter* torna possível uma relação menos conflituosa entre a Magia, a Religião e a Ciência no século XXI. Acredito que estas perspectivas podem aprender umas com as outras e até mesmo viver lado a lado sem se contradizerem e que nenhuma delas representa qualquer perigo para as outras. Desejo provar que a magia, a religião e a ciência são três formas diferentes de se estudar o nosso mundo e que, por exemplo, a religião responde a questões espirituais às quais a ciência não consegue responder, mas que a ciência é necessária para apelar à parte racional do nosso mundo.

Capítulo 2

Magia, Religião e Ciência – Uma Breve História

If we wish to sum up the whole history of magic, in a sentence, we may say that men first regarded magic as natural, then as marvelous, then as impossible and absurd.

Lynn Thorndike, *The Place of Magic in the Intellectual History of Europe*

Como se irá ver ao longo deste capítulo, o ser humano, mais especificamente o homem primitivo, vivia em harmonia com a natureza sem questionar as dádivas que esta lhe oferecia. Os seres humanos e todo o seu ambiente circundante eram um só.

Com o passar do tempo, o homem primitivo começou a questionar-se sobre a origem das dádivas e desastres da natureza: por que razão havia boas e más colheitas, tempestades, doenças e por que razão havia dias de sol e dias de chuva. Claude Lévi-Strauss, na sua obra *O Pensamento Selvagem*, cita Balzac como forma de elucidar os seus leitores acerca das ações dos homens primitivos como, por exemplo, pescadores, agricultores e curandeiros:

Não existe ninguém no mundo melhor que os selvagens, os camponeses e os provincianos¹⁴ para estudar profundamente e em todos os sentidos os seus próprios afazeres; assim, quando passam do Pensamento ao Fato, podeis encontrar as coisas completas. (*apud*. Lévi-Strauss, 1962: 9).

Com isto quer o autor dizer que a análise dos fenómenos naturais começou por ser feita não no seio de grupos ecléticos ou eruditos, mas no seio de seres humanos comuns e primitivos que vieram a aprender e a estudar aquilo que seria conhecido como fenómeno de “causa e efeito”. Na terminologia de James Frazer, “causa e efeito” é a ideia de que o homem primitivo, na busca de respostas, começou a ter noção de que as suas ações tinham efeito no seu ambiente circundante. Surge aqui a ideia da Lei da Similitude, ou seja, um acontecimento ou um efeito ocorrido na Natureza é semelhante à sua causa, que é provocada pelo ser humano. O ser humano começou a encarar a Natureza como uma divindade, uma entidade com vida própria à qual se podia apelar, através de pedidos, sacrifícios ou rituais, para que todos os trabalhos que as pessoas primitivas desenvolvessem fossem bem-sucedidos. O agricultor acreditava que era preciso cultivar plantas na altura certa, nas condições apropriadas, e que certos rituais

¹⁴ Referência da obra original.

tinham de ser executados para que a natureza concedesse os desejos dos seres humanos e que estes tivessem colheitas abundantes. Caso não houvesse resultado algum, os homens primitivos acreditariam que a Natureza, ou qualquer outra divindade lhes era adversa em relação aos seus objetivos (Frazer, 1915: 11).

A esta crença, Edward B. Tylor chamou animismo, que era, na sua perspectiva, a essência da religião primitiva (*apud*. Malinowski, 1992: 18). Com o objetivo de obter resultados positivos nos seus trabalhos, o ser humano desenvolveu “encantamentos”, ou conjuntos de palavras-chave, de forma a apelar à Natureza inescrutável, que frequentemente funcionava de forma contrária à paz e sucesso dos planos das pessoas primitivas. Até mesmo médicos ou curandeiros, pessoas de medicina e com algum conhecimento científico, por mais básico que fosse, executavam rituais e proferiam as já mencionadas palavras-chave à medida que administravam as suas ervas medicinais ou remédios para que a cura fosse mais célere. No pensamento deles, os homens primitivos acreditavam que proferindo estas palavras e executando os rituais, eles teriam controle absoluto sobre a natureza. A partir daqui, começaram a surgir as primeiras noções de feitiçaria e os seres humanos começaram a julgar-se controladores do seu próprio destino. Foi então que apareceram os primeiros mágicos. De acordo com Bronislaw Malinowski, o homem primitivo encontrava-se num estado de espírito místico, manifestava aversão em relação ao raciocínio e não conseguia compreender as mais elementares leis da natureza (*idem*: 25).

A palavra magia, num contexto primitivo, significava poder controlar as coisas de acordo com a vontade da pessoa que proferisse os encantamentos. De acordo com Frazer, o mágico podia produzir qualquer efeito que este desejasse simplesmente ao fazer uma imitação desse efeito, ou seja, através de um ritual. Por exemplo, o feiticeiro acreditava que a imagem de um homem ferido teria como efeito um homem ferido na realidade, que a imagem produziria o original. A magia poderia ser usada tanto para ferir alguém contra quem se tivesse rancor, mais precisamente a tão conhecida magia vudu, como para curar. Dependendo do utilizador, a magia poderia ser usada tanto para destruir como para regenerar. O mágico acreditava que podia controlar a natureza à sua vontade (Frazer, 1915: 11). Este é o pensamento selvagem (ou mágico) a que se refere Lévi-Strauss, que assenta na atribuição de relações causais entre ações e eventos não justificáveis pela razão e pela observação.

De acordo com Lynn Thorndike, a magia era a filosofia do homem primitivo e representava a sua atitude em relação à natureza. A natureza era vista, de certa forma,

como semelhante ao ser humano: fugaz, mutável e capaz de mudanças através de benesses ou hostilidades de acordo com o tratamento que a natureza recebesse. Nestas crenças supersticiosas, a correlação colocada era que rituais religiosos, orações ou sacrifícios trariam benefícios ou recompensas. O pensamento mágico levava as pessoas a acreditarem que a força dos seus pensamentos conseguia influenciar o mundo onde viviam. Esta é a já referida relação causal, ou, como passou a ser posteriormente descrita, uma falácia causal, a partir da qual se procuram relações significativas ou coincidências entre atos e eventos (Thorndike, 1905: 29).

Frazer afirmou que estas observações “mágicas” eram o resultado de uma disfunção interna, e que os homens confundiam a ordem das suas ideias com a ordem da natureza e que por isso imaginavam que tinham controlo sobre o meio que os rodeava através dos seus pensamentos (*apud*. Malinowski, 1992: 19). Para o mágico primitivo, a magia era sempre uma arte, nunca ciência, era algo implícito e não explícito. No entanto, tal leitura do ambiente envolvente usando a magia é caracterizado por Frazer como sendo um guia falacioso de conduta (Frazer, 1915: 11).

O problema com a explicação de Frazer é que nenhum ser humano segue as noções erróneas das leis da causalidade que Frazer denuncia. Não seria preciso que ninguém arriscasse a sua própria vida a matar um inimigo se tal pessoa acreditasse que o ato podia ser alcançado simplesmente destruindo-se um pedaço de roupa ou queimando-se uma figura ou uma boneca de cera que representa a pessoa em questão. De facto, se estas leis fossem levadas à risca ninguém deveria ter de fazer algo arriscado ou complicado. A magia poderia simplesmente ser usada para se conseguir qualquer coisa.

Sigmund Freud explicou que a teoria associativa da magia apenas explicava os caminhos através dos quais a magia procedia. Esta não explicava a sua verdadeira essência, nomeadamente o mal-entendido que a levava a substituir as leis da natureza por leis psicológicas. Freud sublinhara a ideia de que o que levava os homens primitivos a lidar com magia era o poder dos desejos. Os desejos dos homens eram acompanhados por um forte impulso, a sua vontade, que foi mais tarde destinada a alterar a terra inteira para que assim os desejos dos homens tivessem sido satisfeitos. Este forte impulso era primeiramente empregue de forma a dar uma representação de uma situação satisfatória de tal forma que se tornasse possível experienciar a satisfação por meio do que poderia ser descrito como alucinações. Freud acreditava que o pensamento mágico derivava de fatores de desenvolvimento cognitivo. Ele descreveu praticantes de magia que

projetavam os seus estados mentais no mundo que os rodeava, algo semelhante à fase comum do desenvolvimento de uma criança. Desde pequenos até irem para a escola as crianças ligavam o mundo exterior ao seu próprio mundo interior, ou consciência, por exemplo: “Está a chover porque estou triste” (*apud.* Glucklich, 1997: 53-5).

Por outro lado, as afirmações de Bronislaw Malinowski levaram à necessidade de novas explicações da magia. Na sua perspectiva, a magia resultava de situações de grande ansiedade devido à inabilidade das pessoas para controlarem o resultado de acontecimentos importantes. Malinowski assumiu que esta ansiedade fazia com que as pessoas perdessem a sua competência para a realização de observação exata e generalizações, necessárias para se discernir o falhanço da magia e dos seus atos. Contudo, os atos mágicos reduziam a ansiedade, dando aos seus praticantes confiança, porque no seu estado ansioso eles erroneamente acreditavam que a magia, ou a relação entre causa e efeito, realmente funcionava. No seu ensaio “Magic, Science and Religion”, Malinowski discute o que ele chama de pensamento mágico, a partir do qual se pensava que palavras e pensamentos afetavam o mundo diretamente. Este tipo de desejo tornado realidade podia resultar ao evitar falar-se de certos assuntos; acreditava-se, por exemplo, que se se falasse do diabo ele apareceria. Um outro exemplo é que também se podia usar eufemismos em vez de certas palavras; havia ainda a crença de que saber “o verdadeiro nome” de algo daria à pessoa que o sabe poder sobre essa outra pessoa. Acreditava-se também que certos cantos, certas orações, ou frases místicas provocariam mudanças físicas no nosso mundo.¹⁵ Malinowski afirma que a magia fornece rituais pré-feitos, de forma a preencher faltas perigosas em qualquer objetivo importante ou numa situação crítica (Malinowski, 1992: 90).

No entanto, em “Magic, Science and Religion”, Malinowski também afirmou que todas as pessoas (não importa o quão primitivas fossem) usavam tanto a magia como a ciência. Para fazer esta distinção, Malinowski separou estas duas categorias no sagrado

¹⁵ A realização da magia implicava quase sempre o uso da linguagem. Quer faladas ou não, as palavras eram frequentemente usadas para se aceder ou guiar o poder mágico. Em “The Magical Power of Words” (1968), S. J. Tambiah afirmou que a ligação entre a linguagem e a magia era devido à crença na capacidade inerente das palavras de influenciar o universo. Malinowski em *Coral Gardens and their Magic* (1935), sugeriu que esta crença era uma extensão do uso básico da linguagem por parte do Homem para descrever o que o rodeava, no qual o conhecimento das palavras certas, das frases apropriadas e de formas de discurso mais desenvolvidas daria poder ao Homem sobre tudo. Portanto, o discurso mágico era um ato ritual e era de igual ou maior importância para a realização da magia do que atos não-verbais. Malinowski afirmou que a linguagem da magia era sagrada, preparada e usada para um propósito completamente diferente da vida normal. Outra possível fonte do poder das palavras era a sua exclusividade. Muita da linguagem sagrada era diferenciada da linguagem comum, visto que era incompreensível para a maioria da população e só podia ser usada e interpretada por praticantes especializados tais como mágicos, padres ou shamans.

e no profano ou magia/religião e ciência. Cada comunidade primitiva possuía um considerável conjunto de conhecimentos baseados na experiência e moldados pela atividade racional. Os homens primitivos, tendo estudado a terra, tinham-se tornado trabalhadores especialistas possuindo um conhecimento profundo do solo natural e, por isso, sabiam aquilo com o que poderiam contar. No entanto, a liderança do trabalho hortícola estava sempre nas mãos de um feiticeiro. Os rituais e o trabalho prático estavam intimamente ligados e a magia era vista como indispensável à prosperidade das hortas.

Contudo, os resultados positivos das plantações não eram inteiramente atribuídos à magia, pois havia sempre o reconhecimento do trabalho manual e das causas naturais. As forças naturais eram controladas tanto através do esforço físico como mental, mas apesar do trabalho e da atitude racional, havia acontecimentos que não podiam ser controlados. Era aqui que se recorria a rituais para os controlar. Os papéis do agricultor e do feiticeiro eram claramente diferenciados, mas os dois trabalhavam sempre em conjunto.¹⁶ Os primitivos trabalhavam tanto com o racional como com o mágico, mas como os conhecimentos científicos eram fracos, havia sempre o apelo à magia e a reverência da natureza. Mesmo na Grécia e Roma Antigas, pessoas que estudavam o mundo (os então cientistas) e reuniam dados sobre o seu funcionamento não conseguiam deixar de acreditar em forças e em entidades superiores ao seu entendimento.¹⁷

De acordo com Marcel Mauss, tanto a magia como a ciência tinham objetivos definidos de forma a ajudar os instintos humanos, as suas necessidades e os seus objetivos. Os dois fenómenos desenvolveram procedimentos que tinham de ser seguidos de forma a que fossem alcançadas as metas estabelecidas (Mauss / Brain, 1975: 92). Ambas, magia e ciência, se baseavam no conhecimento. No entanto, enquanto que a magia era o conhecimento do eu, das emoções, e possuía um carácter mais individualista, a ciência estava mais relacionada (e ainda continua) com o conhecimento da natureza,

¹⁶ Um outro exemplo desta partilha de trabalhos era que os primitivos tinham conhecimentos práticos e científicos (se bem que rudimentares) das suas embarcações, mas havia elementos naturais que não podiam ser controlados tais como o próprio mar, o vento e os recifes e, por isso, as embarcações eram enfeitadas para dar boa sorte. Face a perigos e incertezas apelava-se a rituais mágicos para garantir segurança e bons resultados (Malinowski, 2015: 79).

¹⁷ Uma dessas crenças envolvia o facto de, para além da população normal, eles mesmos acreditarem que as estrelas mostravam o futuro e as pessoas deixavam-se guiar pelo que se lia nas estrelas. Portanto havia muita dependência na Astrologia e dizia-se até que a palavra do Astrólogo era sagrada. Por exemplo, o filósofo romano, Séneca, não aceitava a magia como um todo, mas aceitava a adivinhação em todas as suas ramificações. Este acreditava que as estrelas assinalavam o futuro (Thorndike, 1905: 78).

do corpo humano e o seu funcionamento. De acordo com Malinowski, a magia era também semelhante à religião, na medida em que muitas vezes serviam a mesma função numa sociedade (Malinowski, 1992: 87). A diferença era que a magia refletia-se mais no poder pessoal do indivíduo e a religião refletia-se na fé no poder de Deus. A magia era também algo que passava de geração em geração dentro de grupos restritos, enquanto que a religião era algo muito mais abertamente disponível à comunidade. Em *A General Theory of Magic*, Marcel Mauss classificou a magia como um fenómeno social, semelhante à religião e à ciência, mas seguramente uma categoria diferente. Na prática a magia tinha uma certa semelhança à religião. Ambas usavam tipos semelhantes de rituais, materiais, papéis sociais e relações para alcançarem objetivos e criarem crenças. Ambas se baseavam em princípios similares, em particular os da conservação e da santidade de objetos e lugares, interação com poderes sobrenaturais mediados por um perito, uso de simbolismo, sacrifício, purificação e representação em rituais e a importância da tradição e da continuação do conhecimento. A magia e a religião também partilhavam um carácter coletivo relativamente à crença. As regras e os poderes de cada uma eram determinados pelos ideais e crenças da comunidade e, por isso, podiam evoluir lentamente (Mauss / Brain, 1975: 92).

Mauss retrata a magia como um elemento das sociedades pré-modernas e, em muitos aspetos, uma antítese da religião. A magia era algo secreto e isolado, sendo raramente realizada em público de forma a proteger e a preservar conhecimentos ocultos. A religião era previsível e prescrita, e normalmente realizada abertamente de forma a que se partilhassem conhecimentos com a comunidade. Apesar de estes dois fenómenos partilharem várias formas de ritual, Mauss concluiu que um ritual mágico era qualquer ritual que não tomasse parte em cultos organizados. Era um ato privado, secreto, misterioso e próximo do limite dos rituais proibidos. Na prática, a magia diferia da religião no que tocava ao resultado desejado. A religião procurava satisfazer fins morais e metafísicos, ao passo que a magia era uma arte funcional, através da qual se procurava alcançar resultados tangíveis. Neste aspeto, a magia era semelhante à tecnologia e à ciência. Todavia, a semelhança entre estes fenómenos sociais era limitada visto que a ciência se baseava (e baseia) na experiência e no desenvolvimento, ao passo que a magia era uma crença a priori (idem, 92).

Mauss concluiu que, apesar de as crenças mágicas e dos seus rituais serem bastantes análogos à religião, a magia permanecera um fenómeno social distinto da religião e da ciência, com as suas próprias regras características, atos e objetivos. O

homem primitivo procurava, acima de tudo controlar o curso da natureza para os seus fins práticos e fê-lo diretamente, através de rituais ou feitiços, apelando às várias condições climatéricas, aos animais e às colheitas que obedecessem à sua vontade. Apenas muito mais tarde é que ele passou a apelar, com medo ou esperança, em suplicação ou em desafio, a divindades superiores depois de se ter deparado com as limitações do seu potencial mágico, ou seja, apelava a demónios, aos espíritos dos seus antepassados ou aos próprios deuses (*apud*. Malinowski, 1992: 17).

De acordo com Malinowski, quando abandonado pelo seu conhecimento e perturbado pelas suas experiências passadas e pela sua capacidade técnica, o homem primitivo apercebera-se da sua impotência (Malinowski, 1992: 79). No entanto, o desejo de sobrevivência impusera-se de forma mais veemente. A sua ansiedade, os seus medos e as suas esperanças induziam uma grande tensão no seu organismo, levando-o à conclusão de que algo teria de ser feito. Quer a pessoa fosse selvagem ou civilizada, quer tivesse conhecimentos de magia ou ignorasse por completo a sua existência, a única coisa que a razão dita em casos de absoluto desespero era a última coisa que se podia aceitar.

O sistema nervoso do homem primitivo e o seu organismo inteiro conduziam-no a realizar uma atividade substituta. O seu organismo reproduzia os atos sugeridos pelas antecipações provocadas pela esperança e ditados pelas emoções e paixões tão fortemente sentidas. Foi nesta distinção entre controlo direto por parte do indivíduo e apropriação de poderes superiores por parte da comunidade que Frazer via a diferença entre a magia e a religião, e com a qual Malinowski concordava.

Malinowski afirmava, que tanto a magia como a religião surgiam e operavam em situações de profundo stress: crises existenciais, lacunas em projetos importantes, amor infeliz e ódio insatisfeito. Ambas eram formas de escape a essas situações e impasses, e não ofereciam qualquer solução empírica, exceto a realização de rituais e também a crença no domínio do sobrenatural (*idem*, 19). Na religião, este domínio abarcava a crença em fantasmas, espíritos, a crença primitiva na providência e nos guardiães de mistérios tribais. Tanto a magia como a ciência eram estritamente baseadas na tradição mitológica e ambas existiam na atmosfera do miraculoso, numa constante revelação do seu poder que tudo resolvia. Ambas estavam rodeadas de tabú e observações que distinguiam os seus atos dos do mundo profano. Contudo, a arte prática da magia tinha uma técnica limitada: feitiço, ritual e a condição daquele que os executava. Estes três fatores formavam a estrita trindade da magia.

A religião, que continha aspetos e propósitos complexos, não possuía uma técnica tão simples e a sua unidade não era vista na forma dos seus atos, nem sequer na uniformidade do seu assunto, mas mais na função que realizava e no valor da sua crença e ritual.

Mais uma vez, a crença na magia correspondia à sua natureza prática e simples. Era sempre a afirmação do poder das pessoas para causar efeitos definitivos através de um certo feitiço ou ritual. Por outro lado, na religião, as pessoas deparavam-se com um mundo sobrenatural inteiramente baseado na fé. Via-se o panteão de espíritos e demónios, o poder benevolente do totem, o espírito guardião, o pai tribal omnipresente e a visão de uma vida futura. Todos estes fatores criavam uma segunda realidade sobrenatural para o homem primitivo. A mitologia da religião era também mais variada e complexa e também mais criativa. Normalmente centrava-se no imenso poder da crença, em contos de heróis populares e feitos de deuses e semideuses.

Na magia, por mais importante que fosse, a sua mitologia era uma constante ocorrência de ‘gabarolices’ relativas aos sucessos do homem primitivo.¹⁸ A magia, a arte específica para fins específicos, sempre estivera na posse do ser humano em todas as suas formas e teve de ser passada de geração em geração através de filiação direta. Desde aí permanecera nas mãos de especialistas e a primeira profissão da humanidade foi a de feiticeiro ou bruxa. Por outro lado, em condições primitivas, a religião sempre fora um assunto pertencente a toda a gente, no qual toda a gente tinha um papel ativo e igual. Todos os membros de tribos tinham de passar por iniciações e depois eles próprios tinham de iniciar outros. Todos enterravam os seus parentes e eram depois enterrados. Os espíritos eram para todos e todos se tornavam espíritos. A única especialização na religião a.d. (o médium espiritualista mais antigo) não era uma profissão, mas um dom pessoal (Malinowski, 1992: 89). A magia baseava-se, portanto, na própria confiança do ser humano na sua capacidade em controlar a natureza diretamente. Entretanto, a religião era a confissão da impotência humana em certos aspetos, elevava o homem para além do nível mágico e, mais tarde, manteve a sua independência lado a lado com a ciência, algo a que a magia sucumbe.

A ciência nasceu da experiência, a magia foi feita por tradição. A ciência sempre foi guiada pela razão e corrigida pela observação e a magia, imune a ambas, viveu numa atmosfera de misticismo. A ciência, como a religião, era algo aberto a todos (e continua

¹⁸ É por isto que a magia é chamada de “the bastard sister of religion” por Randall G. Styers. (Styers, 2004: 4)

a ser), era um bem de toda a comunidade. Por outro lado a magia era algo de oculto, ensinada através de iniciações misteriosas, passadas de forma hereditária ou, pelo menos, através de uma filiação muito exclusiva. Além disso, ao passo que a ciência era baseada na conceção das forças naturais, a magia surgia da ideia de um certo poder místico e impessoal, no qual a grande maioria dos povos primitivos acreditava (idem, 19)

Todavia, tanto a ciência como a magia mostravam certas semelhanças e, como disse Frazer, a magia podia ser chamada de pseudociência. A ciência, mesmo a representada pelo conhecimento primitivo do homem selvagem, era baseada na experiência universal do dia-a-dia, ganha através da luta do indivíduo contra a natureza para a sua subsistência e segurança, fundada na observação e fixada pela razão. A magia era baseada na experiência de estados emocionais específicos, processo através do qual o indivíduo observava não a natureza, mas a si próprio. Aqui, a verdade era revelada não pela razão, mas pelas emoções que exerciam os seus efeitos no organismo humano. A ciência era fundada na convicção de que a experiência, o esforço e a razão eram válidos, e a magia tinha como base a crença de que a esperança era a última coisa a morrer e que os nossos desejos não eram ilusões. As teorias do conhecimento científico eram ditadas pela lógica, as da magia pela associação de ideias sob a influência do desejo. O conhecimento racional e o conhecimento mágico estavam incorporados em tradições, contextos sociais e tipos de atividade diferentes. O primeiro constituía o domínio do profano e o segundo, cercado de mistérios e tabús, era uma das metades do domínio do metafísico, cuja outra metade é a religião (idem, 87).

Para podermos compreender a diferença entre a religião e a magia e para adquirirmos uma visão clara das propriedades da trindade magia, religião e ciência é importante percebermos a função cultural de cada uma. O ser humano, tendo conhecimento do que o rodeava usando as forças da natureza e da ciência, tinha uma enorme vantagem biológica sobre o resto de todos os outros seres vivos. Por outro lado, aprendemos a perceber a função da religião e o seu valor através do estudo de crenças selvagens e dos cultos já mencionados. A fé religiosa estabelecia, fixava e aumentava todas as atitudes mentais valiosas, tais como a reverência pela tradição, a harmonia com o meio-ambiente, a coragem e a confiança na luta contra as dificuldades e a calma perante a perspectiva da morte. Esta crença, mantida pelos cultos cerimoniais, era de imenso valor biológico e revelava a verdade ao ser humano no seu sentido mais pragmático. Através da magia, vemos que os instintos, emoções e as atividades práticas

conduziam o ser humano a impasses nos quais faltas de conhecimento e limitações do poder de observação e razão mais antigos o traíam em momentos cruciais. O organismo humano reagia a tais circunstâncias com explosões de fúria, nas quais eram engendradas formas de comportamento e crenças rudimentares. A magia era fixada nestas crenças e rituais rudimentares e tornava-os tradicionalmente permanentes. Assim, a magia dava ao ser humano primitivo rituais e crenças pré-preparados, que serviam de amparo para as complicações que ocorriam em eventos críticos. Dava também ao homem a capacidade de realizar as suas tarefas importantes com confiança e de manter a sua postura e integridade mental em situações frustrantes pautadas por acessos de ódio, desespero e ansiedade. A função da magia era ritualizar o otimismo do ser humano e aumentar a sua fé na vitória da esperança sobre o medo. A magia expressava para o homem o grande valor da confiança sobre a dúvida e do otimismo sobre o pessimismo (Malinowski, 1992: 90).

No entanto, com o passar do tempo o exercício da magia, prática solitária, restrita e distanciada da comunidade, começou a ser vista como antitética às vontades e práticas religiosas das comunidades da Idade Média. Conhecida como a época da caça às bruxas e da Inquisição, a Idade Média foi um período durante o qual a magia era temida pelo povo devido ao seu desvio da mensagem comunitária que a Igreja desejava transmitir.

Todavia, não eram só praticantes de magia que tinham receios em relação às perseguições. Havia pessoas dotadas de mentes brilhantes que realizavam avanços incríveis no conhecimento humano, mas estes eram demasiado avançados para uma fácil aceitação por parte do povo medieval. Parafraseando Lynn Thorndike, o povo atacava sempre a reputação de pessoas instruídas e quem quer que fosse um especialista na sua área de conhecimento era considerado um aliado dos demónios¹⁹ (Thorndike, 1905: 12).

Contudo, e apesar das perseguições executadas tanto a mentes engenhosas, como a homens e mulheres que realmente lidavam com o oculto para seu próprio proveito, as mulheres eram alvo de uma maior perseguição por parte da Igreja devido ao que era considerada a sua maior empatia com a natureza e os sentimentos, tanto os seus como os dos demais, que eram opostos à visão mais pragmática e útil dos homens em relação ao mundo. Acreditava-se que, através desta sensibilidade, as mulheres tinham mais

¹⁹ Todas as traduções de citações retiradas de obras inglesas são da minha autoria.

probabilidade de serem possuídas por espíritos maléficos e de cometerem atos terríficos em nome dos mesmos.²⁰

Um ponto onde existe maior consenso acadêmico refere-se à seguinte ideia de que a perseguição à feitiçaria terá deflagrado apenas quando noções de simples feitiçaria e magia popular foram ligadas a teorias demonológicas, nas quais estas práticas eram vistas como pactos com o diabo que eram socialmente ameaçadores, demoníacos e heréticos. Existem longas tradições de condenações cristãs da magia. Os teólogos ensinavam que a feitiçaria era uma ilusão, uma fantasia e uma forma de superstição pagã (Styers, 2004: 20).²¹

Como forma de proteção face às perseguições, tornou-se costume nestes tempos a escrita de trabalhos sobre o oculto usando o nome de Hermes Mercurius Trismegistus²². A ele foram associados todos os livros de autoria duvidosa. No entanto, a figura mítica de Hermes Trismegistus tornou-se um ideal da Idade Média e todos os trabalhos que apareciam com o seu nome tiveram uma influência considerável na expansão da crença na magia, apesar das perseguições.²³

²⁰ Normalmente, as mulheres que eram perseguidas eram aquelas que apresentassem qualquer sinal anômalo no corpo como, por exemplo, um sinal ou uma verruga. Qualquer mulher que fosse encontrada com estes sinais era sentenciada à morte e incendiada de forma a expulsar os espíritos perversos. Houve muitas mulheres que se sabia não estarem envolvidas de forma alguma com a magia, mais precisamente, a magia negra, mas, ao encontrar os sinais, as mulheres em questão não eram ouvidas. Outros casos eram os de mulheres que apresentavam falsas confissões de feitiçaria, mas apenas por causa da imensa tortura à qual essas mulheres foram submetidas. Esta questão também se devia à posição social da mulher da altura: o homem era mais respeitado e o seu estatuto social era muito superior ao da mulher. Sempre que se suspeitava de alguma mulher a cometer atos de feitiçaria, a mulher em causa era despida para que todos os pelos do corpo fossem retirados de forma a se poder encontrar os já referidos sinais anômalos. Esta crença na suscetibilidade das mulheres era partilhada tanto por Católicos como Protestantes incluindo Martinho Lutero, que afirmara que as mulheres eram distintamente suscetíveis à magia, porque estava na sua natureza serem tímidas e temerem o mundo. As mulheres constituíram 75%/80% das execuções por bruxaria (Styers, 2004: 26).

²¹ A noção de superstição era usada de forma muito elástica para designar cerimónias ou práticas que a igreja desaprovasse e que permanecessem fora do seu controlo. A diferença entre membros do clero e os mágicos estava menos nos efeitos que os dois diziam poder alcançar do que nas suas posições sociais e na autoridade na qual as suas afirmações eram impostas (Styers, 2004: 20).

²² A quem se deu a autoria do Corpus Hermeticum, uma série de textos sagrados que formam a base do Hermeticismo, cuja doutrina afirma que existe uma única verdadeira teologia que está presente em todas as religiões e que foi dada à Humanidade por Deus em tempos antigos.

²³ Durante a Idade Média e o Renascimento, os escritos atribuídos a Hermes Trismegistus, conhecidos como Hermetica, desfrutaram de grande prestígio e eram populares entre os alquimistas. A “tradição hermética” refere-se conseqüentemente a alquimia, magia, astrologia e outros tópicos semelhantes. Estes textos são normalmente divididos em duas categorias: a hermética “filosófica” e a hermética “técnica.” A primeira lida principalmente com a filosofia e a segunda com a magia, poções e alquimía. Por exemplo, feitiços usados para proteger objetos formam a origem da expressão “Hermeticamente selados.” No entanto, apesar da atribuição de textos ocultos a Trismegistus, muitos escritores cristãos tais como Ralph Waldo Emerson, Tomás de Aquino, Augustine, Lactantius, Giordano Bruno, Marsilio Ficino, Campanella e Giovanni Pico della Mirandola consideraram-no um sábio profeta pagão que, ironicamente, previra a chegada do Cristianismo.

No entanto, persistiu a tentativa frenética de diferenciar a magia da religião. O mago era aquele que professava poder controlar os poderes com os quais lidava; dizia conseguir trabalhar o mal com a mesma perícia que o bem, o padre trabalhava apenas o bem. O mago lidava com todos os tipos de formas, algumas sobrenaturais e outras não, e o padre lidava apenas com deuses e os seus anjos. O mago tinha controlo sobre todas as substâncias materiais, o padre confinava-se a assuntos de natureza espiritual. A magia era descrita como uma obsessão com o uso do poder vã, algo que permanecia emaranhado numa rede de desejos impróprios e disruptivos, relações obscuras com a materialidade e com a busca arrogante do eu. Contudo, este contraste entre a religião e magia serviu para desviar assuntos de poder relativos à própria religião. O uso da magia mascarava os valores e interesses materiais em ação na produção de um universo religioso delimitado e servia, ao mesmo tempo, para ocultar o poder verdadeiramente exercido por e dentro de instituições religiosas ocidentais. Portanto, a magia começou a funcionar como um marcador potente de diferenças culturais, com rápidas aplicações nas esferas económicas e políticas (Styers, 2004: 7).

Dentro destas disputas, interesses materiais e políticos começaram a adquirir forma visível. Na literatura de ciências sociais dos séculos XIX e XX a magia era vista como uma característica definitiva da mentalidade primitiva previamente referida. O pensamento mágico era visto como um dos indicadores principais do não-moderno e do não-ocidental, sendo normalmente atribuído a pessoas, locais e eras marginais. Dizia-se que a simpatia com a magia demonstrava uma incapacidade para autocontrolo responsável, e que as pessoas ligadas à magia precisavam de controlo “iluminado”. A religião via-se com o papel de lidar com o que acreditavam ser a escuridão da magia. A oposição à magia, através de evangelizações, era vista como um comportamento religioso que todo o ser Cristão apropriado devia adotar.

Todavia, a magia persistia até mesmo nas sociedades modernas. A magia incitava apetites antissociais e paixões subversivas entre aqueles que nada possuíam e assim colocava a boa ordem da sociedade em risco. Com a magia configurada como o epítome do não-ocidental e do não-moderno, provou-se que servia como um meio poderoso para contestar as estruturas sociais hegemónicas e as normas da modernidade. No século XIX, os intelectuais europeus não chamariam mais à magia de pecado, mas antes uma forma de pensamento aberrante e, por isso, antitética face à lógica da cultura dominante. Foi também designada como um sintoma de distúrbios psicológicos e uma marca

pertencente a culturas e raças inferiores. A racionalidade moderna ocidental era, portanto, contrastada explicitamente com a superstição das crenças mágicas.

No entanto, as disputas intelectuais sobre a magia podem ser vistas como um grande contributo para o surgimento do pensamento científico moderno. Críticos das perseguições vieram a descrever alegadas bruxas como melancólicas e loucas, com necessidade de tratamento médico em vez da perseguição a que eram sujeitas. Durante o período das perseguições existiram muitos argumentos desenvolvidos que questionavam a crença nos poderes das bruxas e o valor das perseguições. Um modo de questionar as perseguições veio de críticos que estavam preocupados com a violência e a desordem social causada pelos julgamentos. Desde as primeiras décadas do século XVI surgiram dúvidas entre inquisidores em relação à validade das confissões e das provas obtidas de bruxas acusadas e torturadas, mais especificamente pessoas ignorantes, inocentes e confusas. Uma das formas mais diretas de desafio aos julgamentos de bruxaria proveio de pensadores que desafiaram a noção de intervenção espiritual ou demoníaca no mundo material. Pietro Pompanazzi²⁴, por exemplo, rejeitou a noção da intervenção direta de Deus no mundo humano e, por conseguinte, o poder e a existência de anjos e demónios, algo que não podia ser provado através da razão natural.²⁵

Assim começou a surgir um grande ceticismo relativamente às perseguições às bruxas. Nos primeiros anos do século XVIII, Pierre Bayle²⁶ juntou-se ao crescente movimento contra a crença na superstição e na magia. Como um dos mais importantes precursores do Iluminismo francês, Bayle rejeitou a crença nos poderes das bruxas através de uma posição de antidogmatismo racional semelhante às posições de nomes como Weyer e Montaigne.²⁷ Bayle afirmou que as crenças mágicas contemporâneas eram normalmente o produto do medo, da credulidade inocente e de imaginações

²⁴ Filósofo italiano do século XVI, por vezes conhecido pelo seu nome latino, Petrus Pomponatius.

²⁵ Por exemplo, Erasmo de Roterdão criticava as crenças populares no oculto e na alquimia (Styers, 2004: 27)

²⁶ Escritor e filósofo francês do século XVIII melhor conhecido pelo seu trabalho *Historical and Critical Dictionary*. Foi Protestante e, como defensor do princípio da tolerância de crenças divergentes, os seus trabalhos subsequentemente influenciaram o desenvolvimento do Iluminismo.

²⁷ Johann Weyer (1515 – 1588) era um médico holandês, ocultista e demonologista, discípulo e seguidor de Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim. Foi um dos primeiros a protestar contra a perseguição às bruxas. O seu trabalho mais influente é *De Praestigiis Daemonum et Incantationibus ac Venificiis (Sobre a ilusão de Demónios, Feitiços e Venenos, 1563)*. Michel Eyquem de Montaigne (1533 — 1592) foi um jurista, político, filósofo, escritor, céptico e humanista francês, considerado o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. Ele criticou a educação livresca e mnemónica, propondo um ensino voltado para a experiência e para a ação. Acreditava que a educação livresca exigiria muito tempo e esforço, o que afastaria os jovens dos assuntos mais urgentes da vida. Para ele, a educação deveria formar indivíduos aptos ao julgamento, ao discernimento moral e à vida prática.

muitos suscetíveis, um fervor que podia produzir sintomas psicossomáticos e outros efeitos físicos. Bayle também concluiu que a superstição era mais perigosa que o próprio ateísmo, porque a superstição assentava na crença insidiosa de que as pessoas estavam mesmo a obedecer a uma entidade divina.

Durante os séculos XVII e XVIII, um grande número de clérigos católicos denunciou várias práticas como supersticiosas e, por isso, tentou promover uma piedade religiosa mais espiritualizada. No fim do século XVII, o ceticismo relativo às perseguições foi finalmente transmitido através de procedimentos judiciais que cada vez mais exigiam provas concretas de acusações de feitiçaria. No final dos anos setenta do século XVII, a maioria dos julgamentos de feitiçaria tinha cessado na maioria da Europa ocidental. A crença na bruxaria passaria a ser considerada um marcador de diferença cultural, uma patologia psicológica que podia ser explicada racionalmente em vez de ser vista como uma ameaça demoníaca (Styers, 2004: 23).

Relativamente a este aspeto da exigência de explicações racionais, Francis Bacon, conhecido na história da ciência pelo seu papel importante na exigência de uma forma rigorosa de observação indutiva e de conhecimento científico, rejeitava muitos dos excessos de magia natural. Bacon era um proponente de um modo exotérico e reformado de magia natural e afirmou, em *Novum Organum* (1620), que devia haver um foco empírico nas maravilhas da natureza de forma a permitir a descoberta dos seus processos naturais complexos e latentes. O autor, partilhando a opinião de Bayle, também afirmou que era preferível ser-se um não crente do que ter uma noção supersticiosa e indigna de Deus (*apud*. Styers, 2004: 29-30).²⁸

Thomas Hobbes, também ansioso por livrar o mundo de noções supersticiosas, afirmou que o desenvolvimento de várias noções religiosas, particularmente a da crença em espíritos, era baseado na ignorância humana acerca das leis da causalidade e no medo humano do desconhecido e de poderes invisíveis. Hobbes ofereceu a sua versão da origem da religião e uma distinção adequada entre religião e superstição. Hobbes afirmou que o medo de poderes invisíveis, fingidos pela mente, ou imaginados através de contos publicamente permitidos era a religião; o que não era publicamente permitido era a superstição; e quando o poder imaginado é tal e qual aquilo que nós próprios imaginamos, estamos diante de verdadeira religião. Enquanto Hobbes reconhece o mérito da autoridade da religião em promover relações sociais pacíficas, afirmou

²⁸ Bacon conclui que comparar a superstição à religião era o mesmo que comparar um macaco a um ser humano (Styers, 2004: 30).

também que toda a religião tem a sua origem no medo humano e que a religião é a forma socialmente aceita do medo de poderes invisíveis (*apud.* Styers, 2004: 32).

Por seu lado, Emmanuel Kant nega a teologia deítica transcendental e afirma que todas as tentativas em usar a razão na teologia em qualquer forma especulativa são completamente inúteis e vazias na sua natureza (*apud.* Styers, 2004: 38). Uma fé ilusória pode impor-se aos limites da razão, dirigindo-se ao sobrenatural, algo que não é de uso teórico ou prático de acordo com as leis da razão.²⁹

Descartes, um outro filósofo cético radical, à semelhança de Bayle, Bacon e Kant, afirmou que o mundo material não conseguia dar provas da existência de Deus. Sem provas anteriores de que os sentidos humanos eram de confiança, todas as provas externas se tornavam suspeitas. Descartes acreditava que os aspetos mentais da vida humana podiam ser explicados por causas materiais. Não obstante, também acreditava que meras causas materiais não seriam capazes de explicar a capacidade que o ser humano tem para falar línguas e formular crenças complicadas. Para isto, são necessárias almas. Por essa razão afirmou Descartes que a nossa alma é responsável apenas por funções cognitivas, incluindo crenças, desejos e a capacidade de falarmos línguas diferentes (Irwin / Bassham, 2010: 38). Assim, Descartes contribuiu para o surgimento de noções modernas de diferenciação entre a natural e o sobrenatural.³⁰ Esta diferenciação básica de Descartes deu origem a um paradigma que assegurava as diferenciações dos espaços apropriados da ciência e da religião (*apud.* Styers, 2004: 30). À medida que estas diferenciações conquistaram aceitação popular, começaram a surgir demarcações modernas entre a magia, a religião e a ciência.

Outros pensadores influentes do Iluminismo afirmaram que a religião deveria ser retida de forma a ser baseada no que a razão ditava e não em revelações ou experiências místicas. John Toland, filósofo influenciado por John Locke, procurou conter a Cristandade estritamente dentro dos limites da razão. Por sua vez, Anthony Collins, em 1713, afirmou que os supersticiosos eram incapazes de acreditar num Deus que fosse

²⁹ Paul Tillich, existencialista, filósofo e teólogo Cristão Germano-Americano do século XX, concluiu que Kant sentia que não era digno que homens autónomos que controlavam o mundo e que possuíam o poder da razão se encontrassem em situações de oração.

³⁰ Em *The World* (datado do início de 1630) uma das suposições fundamentais de Descartes era a crença de que Deus não executaria milagres e que forças espirituais não interromperiam o decurso normal da natureza. E no seu *Principia Philosophae* (1644) Descartes afirmou a imutabilidade de Deus e que Deus preservou o mundo pela sua ação e de acordo com as leis que Ele criou. Portanto, as leis matemáticas fundamentais da natureza podiam ser calculadas com grande certeza. Todo o funcionamento mental, incluindo as línguas e as emoções, era, segundo Descartes, devido a processos físicos que ocorriam no cérebro e não havia nenhuma entidade superior que estivesse por detrás deste processo (Irwin / Bassham, 2010: 41)

perfeitamente justo e bom (idem, 35). Estes temas mais racionais foram reiterados através do século XVIII por escritores influentes que procuraram separar afirmações específicas de revelação e tradição Cristã de uma religião racional e universalizada, livre de tudo o que fosse visto como forma de intolerância, fanatismo e superstições do passado (idem, 35-36).

Do século XVII em diante, formas racionalizadas de religião ganharam maior influência no pensamento Europeu. A reforma da Cristandade, nas suas formas Protestantes e Católicas, requeria novas normas espiritualizadas para a fé. No século XVIII, as visões mecanicistas da natureza tinham expulsado efetivamente o sobrenatural e as noções iluministas de racionalidade haviam colocado grandes desafios a revelações e rituais religiosos. Por isso, debates teológicos sobre a existência de milagres tornaram-se numa maior aceitação de duas noções: primeiro, que a natureza era governada por leis mecânicas e regulares; segundo, que Deus permanecia fora desse sistema de leis. Novos ideais religiosos tomaram forma, excluindo todas as formas de práticas religiosas e ritualísticas externas, sendo estas substituídas por uma sensibilidade religiosa mais privada e intelectualizada.

Apesar da persistência de grandes oposições a estas novas regras, este ideal da religião racionalizada teve grande influência no seio das classes dominantes e das elites intelectuais da Europa e da América. Tendo a religião sido restringida a tais abstrações, o mundo material podia ser configurado como secular. Uma das principais assunções que ligavam deístas e ateístas do Iluminismo era a certeza no valor da ciência e da racionalidade científica. Muitos pensadores do Iluminismo eram também cientistas e partilhavam a crença de que a racionalidade científica era a chave para o progresso humano. No seio das classes sociais e intelectuais de elite, a ciência ocidental passou a ser um grande marcador da superioridade cultural da Europa, e esta confiança na proeminência da Europa serviu como um recurso valioso na propagação do poder industrial e económico europeu ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Estas interpretações mais positivistas³¹ da história da Humanidade tornaram-se cada vez mais influentes no decorrer do século XVIII. Apesar da existência de vozes dissidentes, mais especificamente Rousseau, muitos grandes pensadores iluministas viram o novo desenvolvimento social e científico da Europa como prova do dealbar de uma nova era no desenvolvimento humano (Styers, 2004: 39).

³¹ O Positivismo é uma corrente filosófica que surgiu na França no começo do século XIX. Os principais idealizadores desta corrente foram os pensadores Auguste Comte e John Stuart Mill.

Por outras palavras, seres humanos que praticassem poder mágico direto sobre a natureza tinham esses planos arruinados pela falta de mediação nas suas relações com a natureza. Sem pensamento meditativo era impossível alcançar-se o que quer que fosse para além dos objetos naturais circundantes. Na feitiçaria não existia a ideia de um Deus ou de uma fé moral. A magia marcava, portanto, a fronteira da religião, sendo a relação da magia com essa fronteira uma questão em aberto (Styers, 2004: 43). A magia era, principalmente, um fenómeno local e étnico, era baseada no desejo e vontade arbitrários e ilimitados. A magia não implicava noções de transcendência ou de universalidade devido ao seu fator predominantemente individual. Estava ligada essencialmente a povos não europeus, apesar de exercer um fascínio inexplicável na cultura ocidental. Nas palavras de Tobias Churton:

The image of the Magus, a master of Magick went through many changes from pre-Christian times to the stirring of Western Civilization. A magus could be a fraudulent purveyor of cheap tricks or the exalted bridge between earth and stars. He could be a kind of arch-priest evoking demons and invoking angels. He could be a profound philosopher, an astrologer, an alchemist, a maker of charms, and a foreteller of the future, or even, as in the case of the legendary Merlin, a not-quite-human caretaker of the vicissitudes of earthbound but heaven-destined imperial British history – King Arthur’s true friend (if only he’d listened). (*apud.* Carr-Gomm / Heygate, 2009: 378).

De facto, o fascínio exercido pela magia é de tal forma potente que ainda hoje vemos pessoas a tentar recriar e a escrever histórias sobre a mesma como forma de partilhar e de desenvolver a imaginação de indivíduos que queiram tomar parte neste fenómeno mais que antigo, apesar de ilusório. Em Inglaterra, o reviver do paganismo já tinha começado no século XVIII com o trabalho de estudiosos como Richard Payne Knight, autor de *The Worship of Priapus*, publicado em 1786. Mas foi na primeira metade do século XX que este interesse intelectual foi convertido em magia prática através do trabalho de Crowley e de Dion Fortune.³² No entanto, até aos anos 80 do

³² Depois, na segunda metade do século XX, Gerald Gardner e Ross Nichols levaram o reviver a um nível mais alto ao desenvolver um “calendário de veneração” que se tornou a base das práticas pagãs modernas. Para ambos os autores, parecia que a humanidade se tinha desligado do ritmo da terra e das estações e, por conseguinte, do próprio ciclo da vida. As suas pesquisas sobre o folclore revelaram que os velhos festivais pastorais tinham as suas raízes no paganismo pré-cristão. A aplicação de Gardner e de Nichols consistia em juntar estas épocas festivas de forma a criar um calendário que oferecesse a possibilidade às pessoas de se encontrarem uma vez em cada seis semanas para entrar em comunhão com as constantes mudanças da natureza de uma forma que fosse tanto espiritual como mágica. Neste esquema foram introduzidas formas de celebração que têm a sua origem na herança mágica da Europa Ocidental. Nas celebrações eram invocadas as quatro direções cardinais e as bênçãos do fogo e da água como elementos primordiais. O trabalho de Gardner e de Nichols não só fez com que a magia continuasse viva, mas com que também fosse praticada livremente nos campos ingleses e em todo o mundo, de forma a que toda a gente pudesse assistir.

século XX a magia Wicca³³, por exemplo, era maioritariamente praticada a portas fechadas e os seus praticantes preocupavam-se mais com a feitiçaria e com a ligação a deuses antigos do que com os poderes da natureza.

Contudo, no final dos anos 80, um número significativo de pessoas começou a aperceber-se da magnitude das crises ambientais e houve uma onda de interesse tão grande relativamente às tradições indígenas que esta até alcançou o Príncipe Filipe de Inglaterra, que declarou que o pragmatismo ecológico das religiões pagãs era de certa forma mais realista em termos de ética de conservação do que as filosofias monoteísticas intelectuais das religiões reveladas. Com o reviver do paganismo, a magia estava reunida mais uma vez com o seu parente próximo, a religião. Note-se contudo que as religiões estabelecidas sempre tentaram distanciar-se da magia, cuja natureza é experimental e poderosa e, por conseguinte, uma ameaça a dogmas e hierarquias anteriormente fixadas (Carr-Gomm / Heygate, 2009: 358-359).

Todavia, nos finais do século XX, um número elevado de sujeitos começou a revelar sinais de fadiga face à religião convencional. Em contraste, a magia Wicca, e também a dos Druidas³⁴, oferecia muitas vantagens, como, por exemplo um sentido de comunidade e de ritos de passagem nas fases mais importantes da vida sem a existência do fardo de demasiada doutrina. Estas também reintroduziram crenças e rituais mágicos que oferecem a oportunidade de se ser um participante em vez de um consumidor passivo. De certa forma, as pessoas têm a oportunidade de fazer as suas receitas e cozinhá-las. Efetivamente, muitos livros pagãos sobre magia podem ser lidos nos nossos dias como livros de receitas e tal situação não é de espantar, visto que as magias Wicca e Druida têm ingredientes para oferecer ideias para rituais, histórias, folclore e técnicas que podem ser combinadas de várias formas diferentes para fornecer experiências mágicas e espirituais.

Todavia, nem toda a gente tem uma orientação fortemente religiosa e a magia fala não só àqueles que procuram conforto em experiências místicas, mas também a mentes

³³ Uma religião de bruxaria moderna e pagã, desenvolvida pelo próprio Gerald Gardner em Inglaterra durante a primeira metade do século XX e apresentada ao público em 1954.

³⁴ Membros da classe profissional educada entre os povos célticos da Gália, da Grã-Bretanha e da Irlanda durante a Idade de Ferro. A classe dos Druidas consistia em advogados, poetas e doutores, entre várias outras profissões de renome. Contudo entre os Druidas mais conhecidos estavam líderes religiosos. Muito pouco se sabe acerca deles. Não foram deixados escritos sobre os Druidas e as únicas provas são descrições deixadas por gregos, romanos e vários outros autores e artistas e também histórias criadas por escritores irlandeses medievais. Existem vários temas recorrentes em descrições greco-romanas que retratam os Druidas a realizar sacrifícios de animais e até mesmo de humanos. Dizia-se também que os Druidas acreditavam na reencarnação e tinham grande reputação na sociedade gaulesa.

mais científicas, àqueles que querem experimentar, explorar e estudar os vários mecanismos do universo e das suas próprias mentes. Isto significa que o mágico pode ser um padre, mas também pode ser um cientista. Olhando através de vários prismas, principalmente através dos olhos das civilizações desenvolvidas, é fácil ver-se como a magia pode parecer irrelevante. No entanto, sem os seus poderes e orientação, os homens primitivos não conseguiriam ter controlado as suas ansiedades como sempre foram capazes de fazer ao longo dos tempos. A partir daqui podemos ver a ocorrência universal da magia nas sociedades primitivas e a sua enorme influência nos dias de hoje. Aqui também podemos ver a magia como um adjunto invariável de todas as atividades de relevo. Esta também pode ser vista como a personificação da esperança, até agora a melhor escola na definição do carácter da Humanidade. Contudo, tal como a magia sempre deu esperanças à Humanidade desde tempos remotos, também a religião e a ciência se propõem estudar e oferecer respostas para a nossa existência e também a do mundo que nos rodeia e a razão de tudo ser como é (Malinowski, 1992: 90).³⁵

Relativamente à esperança trazida tanto pela religião como pela ciência, aproveito para parafrasear Albert Einstein, que afirmou que tudo o que ser humano fez e pensou até agora foi sempre com o objetivo de satisfazer as suas necessidades e de amainar as suas dores (Einstein, 1930: 1). Os sentimentos e os desejos eram a força principal por detrás de toda a criação e empreendimento humanos. De acordo com Einstein, bastava uma pequena análise deste comportamento para nos mostrar que as emoções mais variadas presidiam ao nascimento da experiência e pensamento religiosos. Os génios religiosos de todas as eras eram distinguidos pelo que Einstein chamava de sentimento cósmico religioso³⁶, que não conhecia nenhum dogma e no qual não existia nenhum Deus concebido à imagem do ser humano e, por isso, não havia uma igreja com

³⁵ Neste contexto, a ciência é o esforço centenário de juntar os fenómenos perceptíveis do nosso mundo em associações o mais plausíveis possível através do pensamento sistemático. Por outras palavras, é a tentativa de realizar uma reconstrução posterior da nossa existência através do processo de concetualização. A religião é um empreendimento da humanidade em tornar claros os valores e objetivos morais dos seres humanos e tornar esses valores mais poderosos e espalhá-los pelo mundo. A ciência simplesmente consegue falar do que é e existe e não do que devia ser e, fora do seu domínio, é preciso algo para avaliar julgamentos de qualquer tipo. Por outro lado, a religião lida apenas com essas avaliações do pensamento humano e das suas ações. Não consegue falar de factos nem da relação entre factos (Einstein, 1941: 5).

³⁶ É difícil elucidar as pessoas sobre este sentimento, principalmente aquelas que não o possuem, visto que não existe uma conceção antropomórfica de Deus que lhe corresponda. O indivíduo sentia a futilidade dos desejos e objetivos humanos e a sublimidade e as maravilhas da ordem que lhe eram reveladas tanto na natureza como no mundo do pensamento. A existência individual era vista como uma espécie de prisão o que fazia com que o indivíduo quisesse experienciar o universo como um todo com significado. O início do sentimento cósmico religioso pode ser encontrado, por exemplo, nos Salmos de David e noutros Salmos de outros dos Profetas de Deus (Einstein, 1930: 2).

ensinamentos centrais baseados neste sentimento. Quer isto dizer que era entre os hereges de todas as eras que podíamos encontrar pessoas que experienciassem este sentimento religioso. Na opinião do célebre físico, tanto a arte como a ciência tinham a função de despertar este sentimento nas pessoas e de o manter vivo naqueles que lhes fossem recetivos (Einstein, 1930: 2).

Chegamos assim a uma conceção diferente da relação entre a religião e a ciência. Como já foi anteriormente mencionado, vendo a relação por um prisma histórico, as pessoas só conseguiam ver a religião e a ciência como antagonistas irreconciliáveis. É fácil ver por que razão combateu a Igreja a ciência e perseguiu os seus praticantes. Por outro lado, Einstein defendeu que o sentimento cósmico religioso era o mais forte e mais nobre a ser usado na pesquisa científica. Apenas alguém que tivesse dedicado a sua vida a fins semelhantes poderia ter uma verdadeira perceção do que inspirou estas pessoas e lhes deu forças para permanecerem fiéis aos seus propósitos apesar de incontáveis fracassos. Era o sentimento cósmico religioso que dava tal força a estas pessoas. De acordo com Einstein, na nossa era materialista, os trabalhadores científicos mais sérios são aqueles que possuem um sentimento profundamente religioso.

Apesar dos reinos da religião e da ciência estarem claramente demarcados, existem fortes dependências e relações recíprocas entre os dois. Apesar de a religião ser aquilo que determinava o objetivo, esta também conseguiu aprender com a ciência, no sentido mais amplo, quais eram os meios que iriam contribuir para alcançar os objetivos que a própria religião delineou. Todavia, a ciência só podia ser criada por aqueles que estivessem imbuídos de aspiração à verdade e à compreensão. Contudo, esta fonte de sentimentos surgia da esfera da religião. Einstein afirmou que não conseguia conceber um cientista genuíno sem essa fé profunda. O físico expressava esta situação através da seguinte ideia: a ciência sem religião de nada valia, mas a religião sem ciência era cega (Einstein, 1941: 6).

Para Einstein, a ciência não só purificava o impulso religioso, mas também contribuía para uma espiritualização religiosa da nossa compreensão da vida. Quanto mais a evolução espiritual da Humanidade avançava, mais parecia certo para Einstein que o caminho para a verdadeira religiosidade não existia através do medo da vida, do medo da morte ou da fé cega, mas através da perseguição do conhecimento racional. A partir daqui, Einstein concluiu que a interpretação da religião implicava uma dependência da ciência na atitude religiosa, uma relação que, na nossa era materialista, é constantemente ignorada. Apesar de ser verdade que os resultados científicos são

completamente independentes de considerações religiosas ou morais, os indivíduos a quem devemos os grandes feitos científicos sempre estiveram imbuídos de uma convicção fortemente religiosa de que o nosso universo é algo perfeito e suscetível à busca racional de conhecimento. Se os cientistas e todos os que procuram conhecimento não tivessem sido inspirados por sentimentos poderosos, eles não teriam tido aquela convicção inabalável que permitiu aos seres humanos alcançarem os seus objetivos.

Pode-se pensar que estas considerações de Einstein não teriam nenhum apoio por parte das autoridades religiosas, quer no seu tempo, quer atualmente. No entanto, o atual Sumo Pontífice, o Papa Francisco, também partilha das opiniões de Einstein relativamente à relação e cooperação entre religião e ciência. O Papa declarou à Pontifícia Academia das Ciências, no Vaticano, no dia 27 de Outubro de 2014, que a teoria do Big Bang e a Teoria da Evolução de Charles Darwin não contradiziam o Cristianismo e que os dois fenómenos eram reais. Além disso, o Papa também criticou a interpretação de muitas pessoas que liam o Génesis, um livro da Bíblia, e que acreditavam que Deus agira como um feiticeiro usando uma varinha mágica para criar tudo. De acordo com o líder da Igreja, o Big Bang não contradizia a intervenção criadora, mas exigia-la. O Papa acrescenta que a evolução da natureza não era incompatível com a noção de criação, pois exigia a criação de seres que evoluíssem. Segundo o Papa, o ser humano foi criado com uma característica especial: a liberdade e, por isso, tinha a missão de proteger toda a criação, mas quando a liberdade se transformava em autonomia, a criação era destruída e o ser humano assumia o lugar do criador. Nas palavras do Sumo Pontífice, ao cientista, sobretudo ao cientista cristão, correspondia (e corresponde) a atitude de se interrogar sobre o futuro da humanidade e da Terra; de construir um mundo humano para todas as pessoas e não para um grupo ou uma classe privilegiados.³⁷

Esta harmonia de opiniões entre Albert Einstein e o atual Papa permite-nos concluir que, apesar das suas diversas características e insistências separatistas, a magia, a religião e a ciência desempenham papéis importantes para a forma como o ser humano tenta compreender o mundo. A magia, apesar do seu caráter obviamente ilusório, deu lugar a todo o conhecimento científico e racional que agora possuímos, que pode ser complementado com o sentimento religioso. Ao passo que a ciência responde às nossas dúvidas relativas ao visível, ao palpável e ao racional, a religião propõe-se responder a

³⁷ <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/o-big-bang-exige-um-criador-diz-o-papa-francisco-1674433>, Barata, 2014

questões de teor mais subjetivo, metafísico ou sobrenatural às quais a ciência não consegue aceder. Desta forma, a religião e a ciência complementam-se uma à outra na compreensão e no estudo da vida humana.

Esta minha dissertação parte da premissa de que o estudo da magia, da religião e da ciência deverá ser feito não em função daquilo que as separa, isto é, dos detalhes que as diferenciam, mas dos propósitos que as três servem em comum e as tornam mais próximas. Nas páginas que se seguem, proponho-me explicar de que forma, na minha perspectiva, J K. Rowling nos oferece, através da saga *Harry Potter*, uma forma holística e integrada de se compreender o mundo.

Capítulo 3

Magia, Religião e Ciência em *Harry Potter*

I've never wanted to be a witch, but an alchemist, now that's a different matter. To invent this wizard world, I've learnt a ridiculous amount about alchemy. Perhaps much of it I'll never use in the books, but I have to know in detail what magic can and cannot do in order to set the parameters and establish the stories' internal logic.

J.K. Rowling, entrevista a *The Herald*, 1998

Apesar de não ser evidente à primeira vista, para além de conter elementos do mundo da magia *Harry Potter* remete também para a esfera da religião e ciência. São vários, de facto, os rituais e crenças religiosas detetáveis no livro; e como procurarei demonstrar, a importância do papel da ciência na nossa sociedade é claramente reforçada.

A magia é a maior constante da série e é a ferramenta de trabalho mais importante dos feiticeiros. Não só é usada para se viver o dia-a-dia normal, mas também como forma de defesa contra inimigos da lei, os feiticeiros negros. Por essa razão, será legítimo dizermos que o mundo mágico não é muito diferente do nosso: ambos os mundos possuem as suas ferramentas de trabalho, que, por sua vez, são entregues aos habitantes dos respetivos mundos para serem usadas para a sua sobrevivência.

Desde muito pequenas, as crianças feiticeiras são ensinadas a controlar o seu poder mágico e a usá-lo de acordo com as regras morais mais básicas. Através dos treinos apropriados, as crianças aprendem a usar corretamente a sua magia e a canalizar o seu poder através do seu instrumento de trabalho mais importante: as varinhas mágicas. No mundo de *Harry Potter*, a magia parece, à primeira vista, algo infalível devido à forma como os feitiços ofensivos, defensivos ou, até mesmo, feitiços domésticos facilitam a vida das bruxas e dos feiticeiros. Com estes últimos feitiços, as bruxas e feiticeiros conseguem tratar das suas casas sem sequer levantarem um dedo. Para dar alguns exemplos, proferindo os encantamentos apropriados com o uso das varinhas mágicas, os feiticeiros conseguem aspirar o pó, levitar objetos e mudá-los de sítio, ou ainda consertar objetos quebrados de forma a permanecerem imaculados e intactos, como se nunca tivessem sido danificados. Além disso, tal como as bruxas das nossas próprias lendas, os feiticeiros utilizam vassouras como meio de locomoção, apesar de existirem outros meios de transporte mais avançados no próprio mundo de *Harry Potter*.

Apesar de não evidenciar o caráter ilusório descrito no capítulo anterior desta dissertação, revelando-se como um instrumento essencial para a sobrevivência no mundo de Harry Potter, a magia também possui os seus limites. Estes limites são refletidos através de regras. Dita uma dessas regras que o sucesso e a execução de um bom feitiço requerem mais do que a verbalização de umas simples palavras.³⁸ A forma como o feitiço é referido pode ter de facto grandes consequências. Adicionalmente, o lançamento de um feitiço requer uma grande quantidade de energia mágica, pelo que o poder do feiticeiro é um fator contributivo importante a ter em consideração (Colbert, 2008: 240).³⁹

Outro pormenor de relevo é a língua usada para se proferir os feitiços. Ao contrário de muitas escolas, a escola dos feiticeiros, Hogwarts, não parece valorizar a aprendizagem de línguas estrangeiras (pelo menos não nos seus primeiros anos). Mas há uma língua que até mesmo os estudantes de primeiro ano encontram frequentemente: o latim. Muitos feitiços e maldições usados na saga de *Harry Potter* são aproximações ou exatamente a mesma coisa que palavras em latim, que, por sua vez, são usadas para se alcançar o efeito desejado (idem, 235).⁴⁰ A própria autora, J.K. Rowling, disse que queria que os seus feiticeiros usassem uma língua morta como se fosse uma língua viva (idem, 237).⁴¹ Nos livros de *Harry Potter* vemos, então, uma tentativa de revivalismo de

³⁸ Tal como foi referido no capítulo anterior e, em semelhança ao mundo de *Harry Potter*, os magos primitivos davam extrema importância às palavras como forma de poder executar os seus feitiços de forma bem-sucedida. Podemos ver que, em ambos os mundos, é dada grande importância ao uso da prosódia. (Em linguística, a prosódia preocupa-se com elementos discursivos que não vogais e consoantes individuais, mas sim com as propriedades de sílabas e de maiores unidades de discurso. Estas contribuem para funções linguísticas tais como: a entoação, o tom, o ênfase e o ritmo. A prosódia pode refletir vários aspetos do orador ou da fala: o estado emocional, o tipo de fala (afirmação, pergunta ou ordem), a presença de ironia ou sarcasmo, contraste e foco ou outros elementos da linguagem que não sejam codificados pela gramática ou por escolhas de vocabulário (Hirst, 1998: 4–7).

³⁹ Outro fator a ter em conta é a diferenciação entre feitiços. De acordo com Colbert: “In most cases, a charm is a bit of temporary magic that can be good or bad; a jinx will bring bad luck, but nothing serious; curses and hexes involve evil; and spells are serious magic that last a long time (Colbert, 2008: 47).

⁴⁰ Por exemplo, “Lumos”, o feitiço que faz com que apareça luz na ponta da varinha do feiticeiro (para executar a função de uma lanterna) vem da palavra latina *lumen* que significa “luz.” Por outro lado, “Nox”, o feitiço que extingue a luz da varinha, é o equivalente latino de “noite” ou “escuridão.” O latim também é usado noutros sítios. Uma das personagens de *Harry Potter*, Mad-Eye Moody, foi um Auror, uma espécie de agente da polícia do mundo mágico, cujo trabalho é levar feiticeiros negros à justiça. Em latim, *aurora* significa “madrugada,” e é por isso que Auror é o nome perfeito para alguém que luta contra as trevas (Colbert, página 236). Outro exemplo é o lema de Hogwarts: *Draco dormiens nunquam titillandus* (“Nunca faças cócegas a um dragão adormecido” – tradução minha a partir do inglês – “Never tickle a sleeping dragon”).

⁴¹ De acordo com Colbert, faz todo o sentido que seja dada tal importância ao latim. Após a conquista da Europa e da Grã-Bretanha pelos Romanos há dois mil anos, o latim passou a ser uma linguagem comum, uma que podia ser usada em qualquer lugar do império romano. Os estudiosos contavam com o latim para terem a certeza que o seu trabalho podia ser partilhado. O latim foi também a língua primária do Cristianismo. Durante séculos, a maioria dos livros foi escrita em latim, porque havia a garantia de que todas as pessoas educadas saberiam o que lá estava escrito. Aliás, apesar de a maioria dos feitiços e

tradições antigas e estas, por sua vez, são apropriadas para um mundo de praticantes de magia. Além disso, podemos também ver que, apesar de todas as maravilhas que a magia disponibiliza aos feiticeiros da saga, a autora, replicando neste aspeto os princípios de criação literária de J.R.R. Tolkien, cria um mundo mágico com regras e leis, também elas geralmente inescapáveis.

No entanto, em termos da execução da magia no mundo de *Harry Potter*, existem também tabús, ou feitiços proibidos e temidos, tal como existiam no mundo primitivo. Apesar do fator individualista, de secretismo, e das conotações negativas que sempre foram associadas aos conceitos de magia e feiticeiro, o mundo de Harry é governado pelo Ministério da Magia, o que significa que as ações dos cidadãos são controladas e, tal como no nosso mundo, puníveis, podendo os praticantes de magia negra ser mandados para a prisão dos feiticeiros, Azkaban.⁴²

Apesar do seu carácter fantasioso, o mundo dos feiticeiros, que coexiste lado a lado com o mundo das pessoas não-mágicas, os Muggles, não parece ser muito diferente deste segundo, visto que até mesmo aos feiticeiros são atribuídas restrições ao que lhes é permitido fazer com o arsenal que lhes é disponibilizado, algo que não é diferente da maquinaria e artilharia pesada dadas aos Muggles para serem utilizadas segundo a lei. Apesar de possuírem poderes mágicos, podemos ver que a vida dos feiticeiros não é tão fácil de controlar. Os feiticeiros, tal como os Muggles, estão sujeitos ao desconhecido e ao imprevisível. No entanto, em vez de invocarem ou contarem com entidades divinas,

maldições em *Harry Potter* serem apenas palavras soltas, o latim pode ainda ser usado como uma língua do dia-do-dia. Atualmente, continua a ser a língua oficial do Vaticano. A publicadora de J.K. Rowling chegou a publicar os dois primeiros volumes da saga em latim. O primeiro, *Harrius Potter et Philosophi Lapis*, traduzido por Peter Needham, foi louvado por peritos em latim que afirmaram que este estava escrito num estilo que era qualquer coisa menos morto (Colbert, 2008: 240).

⁴² Um dos exemplos mais poderosos de magia negra é a criação de Inferi, cadáveres que são erguidos por feiticeiros negros de forma a que estes façam o que lhes é ordenado. Apesar de tal ato parecer uma ressurreição, como se os corpos voltassem à vida, os Inferi não passam de zombies. Esta prática negra é absolutamente proibida em *Harry Potter*. Um facto que a autora sempre fez questão de enfatizar na sua série (tanto direta como indiretamente) é que os mortos não podem ser trazidos de volta à vida e que não há magia poderosa o suficiente capaz de o fazer. Um outro exemplo de um crime imperdoável é a prática de um outro tabú no mundo de Harry Potter, as Maldições Imperdoáveis, que, de acordo com o aurore Mad-Eye Moody, dão direito aos respetivos praticantes um bilhete só de ida a Azkaban. Os nomes das três maldições também têm as suas origens em línguas antigas: a primeira maldição, Imperius, pronunciada “Imperio” na sua conjugação, é latim para “eu controlo” e permite controlar os seus alvos de acordo com a vontade do feiticeiro; a maldição da tortura, Cruciatius, pronunciada “Crucio”, é latim para “eu torturo” e provoca dores agonizantes aos seus alvos. A última maldição, Avada Kedavra, a maldição da morte instantânea, vem do aramaico “avra kehavra”, que significa “eu crio enquanto falo”; no entanto, J.K. Rowling combinou esta expressão com a palavra “cadavra”, que significa “cadáveres”, por isso a expressão Avada Kedavra significa “eu crio cadáveres enquanto falo.” Em aramaico a expressão é “Abhadda kedhabhra”, que, de acordo com Colbert, significa: “disappear like this word.” Todavia, esta expressão foi usada por feiticeiros antigos para fazer com que doenças desaparecessem. Não há prova nenhuma de que tivesse sido usada para matar alguém. Esta expressão aramaica é uma das possíveis origens da expressão *abracadabra*, agora apenas parte de espetáculos de magia (Colbert, 2008: 45-46).

os feiticeiros utilizam os seus próprios recursos para poderem resolver os problemas do seu dia-a-dia.⁴³

Contudo, podemos ver o acesso a recursos semelhantes por parte de tanto feiticeiros como Muggles, curiosamente, nas poções feitas no mundo de *Harry Potter*. Tal como bruxas tradicionais, os feiticeiros de *Harry Potter* fazem poções, que podem ser usadas para tratar todo o tipo de doenças e sintomas. As receitas para as poções de J.K. Rowling (tal como tudo no seu mundo) incluem muitas histórias e lendas (Colbert, 2008: 334). Muitos dos ingredientes utilizados pelo professor de Poções de Harry Potter, Severus Snape são reais. Se tivéssemos vivido há algumas centenas de anos atrás, o médico local poderia oferecer um remédio feito de ingredientes como os que o próprio Harry Potter utiliza nas suas aulas. Apresento alguns exemplos descritos em *The English Physician*, escrito por Nicholas Culpeper:⁴⁴ para as dores de ouvido, eram esmagados milípedes e piolhos e misturados com vinho, sendo depois despejados dentro do ouvido; para as dores, Culpeper recomendava que fossem ingeridas cobras; os escorpiões queimados serviriam para curar pedras nos rins; pó feito a partir de minhocas faria com que um dente caísse imediatamente, tal como as cinzas de formigas queimadas e dos seus ovos; a ingestão de gafanhotos curava as dores de estômago; a espuma do mar retirada da margem do oceano curaria a perda de cabelo, se fosse esfregada na cabeça, e branquearia os dentes com uma lavagem; finalmente, de forma a perder o desejo por vinho ou cerveja, simplesmente tinha que se beber um copo das ditas bebidas através de uma caneca na qual uma enguia tivesse sido colocada para

⁴³ No entanto existiram feiticeiros lendários, quase divinos, no mundo de *Harry Potter*, incluindo Merlin. Este feiticeiro, um das maiores lendas da nossa atualidade é uma celebridade no mundo de *Harry Potter*, que deu origem a uma interjeição que pode ser equiparada ao “Meu Deus!” do mundo Muggle que é “Pelas barbas de Merlin!” (em inglês – “Merlin’s Beard!”) Quando Harry vai para Hogwarts pela primeira vez ao apanhar o Expresso de Hogwarts, o seu melhor amigo, Ronald Weasley, dá a conhecer a Harry os Famosos Cromos de Feiticeiros e Bruxas (tradução minha do inglês: “Famous Witches and Wizards trading cards”). Ron menciona alguns feiticeiros: Dumbledore, Merlin, Paracelsus, a Druída Cliodna, Hengist of Woodcroft, Morgana, Ptolomeu e Circe (Colbert, 2008: 437). Alguns destes feiticeiros são figuras históricas verdadeiras. Outros existem em lendas que remontam há centenas de anos. Conhecido por muitos, Merlin é considerado um dos feiticeiros mais sábios de sempre. Acreditava-se ser um grande mestre feiticeiro e conselheiro dos reis britânicos Vortigern, Uther Pendragon e Artur; Merlin é uma personagem criada através de lendas fantásticas. Por exemplo, diz-se que foi ele quem organizou as pedras de Stonehenge e que tinha também o dom da profecia, pois já tinha visto o futuro (idem, 444) Merlin é melhor conhecido como o mentor do Rei Artur e escondeu o rei em criança tal como Dumbledore sabia que tinha de esconder Harry de Voldemort, pois Dumbledore sabia que este regressaria para tentar assassinar Harry (idem, 445).

⁴⁴ Um livro de medicina de 1653 que continua a ser impresso mesmo após mais de cem edições e que já foi, em tempos, leitura obrigatória para qualquer médico digno do nome. No entanto, como Colbert enfatiza, os ingredientes apresentados não são para ser experimentados em qualquer circunstância.

morrer; isto curaria também provavelmente o desejo por enguias (idem, 335-336).⁴⁵ Apesar da severidade e do alto grau de exigência de Severus Snape (que nutria grande desprezo por Harry Potter) nas suas aulas, Harry teria dificuldade nas aulas de Poções fosse qual fosse o professor a lecioná-las, mesmo alguém mais simpático do que Snape. De acordo com Colbert, já é difícil controlar o número de ingredientes, quanto mais as receitas. Todavia, as poções de Snape – pelo menos as ensinadas durante os primeiros anos de Hogwarts – não eram impossíveis de dominar (idem, 346).

Um outro exemplo digno de menção relativo a propriedades mágicas e que é conhecido tanto por feiticeiros como por Muggles é a magia relacionada com o número sete, que encontramos nos sete livros que compõem a saga. Na educação medieval, os alunos estudavam sete disciplinas: gramática, retórica, lógica, música, aritmética, geometria e astronomia, também conhecidas como as artes liberais; o número sete é também considerado um número da sorte; existem sete dias da semana e as fases da lua duram aproximadamente sete dias; muitas culturas reconheciam sete planetas: o Sol, a Lua, Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno; existem os sete pecados mortais da tradição cristã; existem também superstições relacionadas com o número sete: partir um espelho dá sete anos de azar e, no Irão, um gato tem sete vidas e não as nove do mito ocidental.⁴⁶

Algumas das referências encontradas na saga são triviais: existem sete túneis secretos para fora de Hogwarts, sete fechaduras numa mala, paga-se sete Galeões⁴⁷ de ouro para se comprar uma varinha e existem sete jogadores numa equipa de Quidditch⁴⁸ e Harry, que pratica este desporto, tem o número 7 nas suas roupas; cada equipa de Quidditch tem sete jogadores e o capítulo quatro do sétimo livro chama-se “The Seven Potters,” só para nomear alguns exemplos. Outras referências mostram maior relevância: existem sete anos de ensino na escola de Hogwarts; Harry Potter nasceu em

⁴⁵ Um outro ingrediente digno de menção e ao qual é dado grande importância no mundo de Harry Potter é o *bezoar*. Tal como Harry aprende na sua primeira aula de poções em *Philosopher's Stone*, um *bezoar* é uma “pedra” encontrada no estômago de uma cabra, que funciona como antídoto para muitos venenos. Por mais difícil que seja de acreditar, os *bezours* existem mesmo e foram usados dessa forma no passado. São bolas duras de pelo ou de fibra vegetal não-digerida, que às vezes são encontradas nos estômagos de animais como cabras ou vacas. O próprio nome vem de palavras Persas e significa “protetor contra veneno.” No *The English Physician*, é descrito como tal e, também, como “a notable restorer of nature... [that] makes a merry, blithe, cheerful creature.” Havia várias formas de o preparar: uma cura para a febre consistia numa mistura de bezoar com pó de corno de veado, perlas esmagadas, pele de cobra e garras e olhos de caranguejo. Todos estes ingredientes eram enrolados numa bola com geleia. De acordo com Colbert: “Perhaps that truly did make patients merry and cheerful; or perhaps they stopped complaining to avoid the dose” (Colbert, 2008: 338).

⁴⁶ <http://www.britannica.com/topic/number-symbolism>

⁴⁷ Valor monetário do mundo dos feiticeiros.

⁴⁸ O desporto dos feiticeiros, cuja popularidade equaliza o futebol dos Muggles.

Julho, o sétimo mês; Ginny Weasley, a esposa de Harry, foi a sétima criança da sua família; e a Pedra Filosofal do primeiro volume é protegida por sete encantamentos (Colbert, 2008: 458). No entanto, o número sete mais importante de todos – o número um na lista de setes – são os Horcruxes de Voldemort.⁴⁹

“Horcrux” é um neologismo criado por J.K. Rowling, mas a ideia que lhe subjaz poderá ser encontrada em lendas de muitas culturas (idem, 470-471). J.G. Frazer reuniu, em *The Golden Bough*, muitos exemplos daquilo a que ele chamou “ a alma externa”:

Stories of this kind are widely diffused over the world, and from their number and variety of incident and of details in which the leading idea is embodied, we may infer that the conception of an external soul is one which has had a powerful hold on the minds of men at an early stage of history. (*apud.* Colbert, 2008: página 471).⁵⁰

A regra de J.K. Rowling de que é necessário um assassinio para se fazer um Horcrux tem as suas origens na magia antiga. Um sacrifício de sangue de um animal pequeno era usado, às vezes, para dar mais poder a um feitiço. Esta regra também é encontrada em lendas de um pouco por todo o mundo; na Inglaterra, na Irlanda, na Escandinávia, na Europa Central, no Médio Oriente e em toda a Ásia e África; é também parte da cultura nativa norte-Americana e da Austrália; também há exemplos no Antigo Egipto, na Grécia e em Roma. Por outras palavras: está em todo o lado (idem, 472). Frazer escreve:

A common version of it is this: a warlock, giant, or other fairyland being is invulnerable and immortal because he keeps his soul hidden far away in some secret place; but a fair princess, whom he holds enthralled in his enchanted castle, wiles his secret from him and reveals it to the hero, who seeks out the warlock’s soul, heart, life, or death, (as it is variously called), and by destroying it, simultaneously kills the warlock. (*apud.* Colbert, 2008: 472).

Excluindo a parte sobre a princesa,⁵¹ Harry entrega-se de facto à missão de encontrar e destruir os Horcruxes de Voldemort.

⁴⁹ Horcruxes são objetos dentro dos quais um feiticeiro esconde parte da sua alma de forma a permanecer imortal, que é o maior desejo de Voldemort. Esta prática é considerada magia negra na sua forma mais horrível e é outro tabú do mundo dos feiticeiros, visto que a forma de se dividir a alma é através de assassinio.

⁵⁰ Apesar de *The Golden Bough* não ser considerado científico pelos padrões da atualidade, teve uma grande e positiva influência na antropologia. O seu grande sucesso e a sua influência também se espalharam para a literatura. As ligações feitas nesta obra entre rituais pagãos e o Cristianismo capturou a imaginação de C.S. Lewis e influenciou a sua escrita, incluindo as Crónicas de Nárnia (Colbert, 2008: 471).

⁵¹ É difícil imaginar as heroínas de *Harry Potter*, por exemplo, Ginny Weasley e Hermione Granger, esperarem pacientemente para serem salvas.

Voldemort, um antigo aluno de Hogwarts, cujo nome verdadeiro é Tom Riddle, pergunta ao seu professor de poções, Horace Slughorn, em *Half-Blood Prince*, se apenas se poderia dividir a alma uma vez: “Wouldn’t it be better, make you stronger, to have your soul in more pieces? I mean, for instance, isn’t seven the most powerfully magic number...?” (*Half-Blood Prince*: 560). Deixando temporariamente de lado a questão de ser ou não útil a existência de Horcruxes, a questão que Tom Riddle coloca é sem dúvida pertinente. Tanto no mundo de Harry como no nosso, o número sete não é só um número da sorte, mas diz-se que também contém propriedades especiais (Colbert, 2008: 459).⁵² A matemática parece reforçar o simbolismo natural e os números eram estudados devido ao seu poder místico (idem, 466). Alphonse Louis Constant, também conhecido pelo seu pseudônimo, Éliphas Lévi, escreve: “The virtue of the number seven is absolute in magic, for this number is decisive in all things” (*apud.* Colbert, 2008: 468). Controlar este poder era, muitas vezes, o objetivo dos mágicos. Estes tentaram encontrar equações mágicas na matemática; tentaram combinar os sete elementos planetários na alquimia;⁵³ repetiam encantamentos sete vezes, ou em grupos de sete, ou no sétimo dia do sétimo mês (ibidem). Com a notável exceção dos livros de *Harry Potter*, estes esforços não tiveram sucesso no nosso mundo. Contudo, no mundo de Harry, parecem fazer sentido. A ideia de Tom Riddle não era absurda, apesar de ter sido completamente desumano levá-la a cabo da forma como ele a levou (idem, 469).

A presença da magia no mundo de *Harry Potter* não implica contudo, como afirmámos já, que não sejam detetáveis na obra temas religiosos. Muitas personagens e momentos da famosa série são inspirados em crenças religiosas e em momentos de particular relevância para a história da religião. J.K. Rowling utiliza a sua saga também de forma a apelar ao mundo real ou, pelo menos, à magia que se acreditava existir no passado, mais precisamente na época da caça às bruxas. Em *Order of the Phoenix*,

⁵² Há mais de 4000 anos atrás, os Babilónios aprenderam que o mundo foi criado em sete dias. No Induísmo, o mundo foi criado por sete deuses nascidos da mente do supremo Criador. De acordo com o folclore, um sétimo filho de um sétimo filho seria um mago e um curador particularmente poderoso. Às sétimas filhas não era dado o mesmo estatuto, mas, nas lendas romanas, estas eram capazes de ver o futuro (Colbert, 2008: 461/463). Existem também religiões com sete céus, e outras com sete demónios. O Cristianismo tem uma imensa quantidade de setes, alguns deles na própria Bíblia, outros adicionados por estudiosos. Estes incluem os sete dias da Criação, os sete anos de festim e os sete anos de fome, os Sete Pecados Mortais e as Sete Virtudes, e as Sete Alegrias e as Sete Tristezas da Virgem Maria. O Santo Augustino (354-430), uma das figuras mais influencias do Cristianismo, estava fascinado com o simbolismo dos números e considerava o número sete um sinal de perfeição (idem, 464).

⁵³ De acordo com os alquimistas, certos metais eram controlados ou afetados por planetas específicos. Os alquimistas planeavam o seu trabalho de forma a condizer com condições astrológicas. Os elementos planetários e os seus “regentes” eram: Ouro (Sol), Prata (Lua), Cobre (Vénus), Ferro (Marte), Estanho (Júpiter), Mercúrio (Mercúrio), Chumbo (Saturno) (idem, 469).

existe uma personagem que adquire a função de “Grande Inquisidora” de Hogwarts. Esta personagem é Dolores Umbridge⁵⁴, que trabalha para o Ministério da Magia. O título de Umbridge, “Grande Inquisidora”, é algo que deve fazer arrepiar tanto os feiticeiros como os Muggles. Este título vem de um longo e sangrento período na história que afetou tanto bruxas como pessoas leigas e que parece reaparecer sob diferentes formas, em quase todas as eras, incluindo a nossa (idem, 392). O título de “Grande Inquisidora” traz inevitavelmente à mente a Inquisição, e a série de julgamentos injustos que se prolongou por centenas de anos. O objetivo de cada Inquisição era fazer com que as pessoas acreditassem naquilo que as autoridades queriam que elas acreditassem. Se alguém discordasse do governo ou da Igreja (muitas vezes ambos eram a mesma coisa), poderia morrer. As autoridades tomaram estas medidas extremas por temerem perder a sua autoridade. Colbert questiona: “Think about it: why have trials for people you believe are doomed to eternal damnation?” O medo dos Inquisidores levou a que estes abusassem do seu poder; as acusações podiam ser feitas em segredo. Os julgamentos eram também secretos. As pessoas acusadas não tinham direito a um advogado. O facto mais chocante é a já mencionada tortura. Muitas confissões foram, como já se sabe, forçadas (idem, 393).

No entanto, a “Grande Inquisidora” de J.K. Rowling é mais do que uma referência à Inquisição. O termo “caça às bruxas” também é usado nos tempos modernos para descrever a maneira como governos e outras instituições proclamam injustamente que certas pessoas vulneráveis são culpadas de lesar a sociedade como um todo, muitas vezes fundamentando-se em motivos vagos e não-provados (idem, 402). Isto é o que acontece a Harry Potter em *Order of the Phoenix*, durante o seu julgamento do Wizengamot.⁵⁵ Tendo dito no volume anterior, *Goblet of Fire*, que Voldemort, o feiticeiro negro mais temido de todos, voltara⁵⁶ e que havia Dementors⁵⁷ que lhe obedeciam, Harry desafiou a posição oficial do Ministério da Magia; por isso, Cornelius Fudge, o Ministro da Magia da altura, bem como Dolores Umbridge submeteram-no a um julgamento procurando silenciá-lo (idem, 403). Dolores Umbridge usa também uma artimanha contra outra personagem da série, Griselda Marshbanks, que tinha

⁵⁴ “Dolores” vem do Latim e significa dor. “Umbridge” é um jogo com a palavra “umbrage”, que significa “ressentimento.” (Por exemplo: “Dolores Umbridge fica ressentida quando é desafiada/refutada, por isso ela fará com que as pessoas se arrependam dessa acção.” – tradução minha do inglês: “Dolores Umbridge takes umbrage when you challenge her, so you’re going to be very sorry now”) (idem, 394).

⁵⁵ Grupo de feiticeiros encarregue de julgar os infratores da lei.

⁵⁶ Voldemort fora vencido anteriormente por Harry Potter.

⁵⁷ Os guardas da prisão dos feiticeiros, Azkaban e, por isso, sob a alçada do Ministério da Magia.

veementemente protestado contra a inquisição também realizada em Hogwarts. Umbridge espalhou então mentiras, fazendo correr o boato de que Griselda estaria a trabalhar com goblins⁵⁸ de forma a derrubar o governo dos feiticeiros.⁵⁹ Umbridge tentou assim destruir a reputação de Griselda, apelando ao medo que os feiticeiros têm dos goblins. Este é, como sabemos, um método usado desde sempre, desde as inquisições medievais à política moderna. Umbridge e Fudge têm muitas desculpas para fazerem o que fazem, é simplesmente assim que funciona. As inquisições sempre foram toleradas ou realizadas por pessoas que se recusavam a questionar a perfeição da sua religião ou da sua nação. J.K. Rowling não é uma dessas pessoas. Para a autora, nada é mais importante do que termos a coragem de pensarmos por nós próprios. Umbridge, que, apesar dos seus crimes, continua a ser uma bruxa, devia ter tremido de medo ao ser-lhe dado o título de Grande Inquisidora de Hogwarts. Qualquer feiticeiro deveria ter melhor discernimento (Colbert, 2008: 405).⁶⁰

Relativamente a lendas heroicas e histórias religiosas, podemos tomar como exemplo o cálice de fogo que aparece no quarto volume da saga de *Harry Potter*. O cálice é descrito como: "... a roughly hewn wooden cup that would be entirely unremarkable had it not been full to the brim with dancing blue-white flames" (*Goblet of Fire*: 283). O cálice é utilizado para a convocação dos que competem no "Torneio dos Três Feiticeiros." Esse desafio e a sua fonte misteriosa ligam os competidores, incluindo o próprio Harry Potter, e o seu adversário e amigo, Cedric Diggory, a lendas relativas ao Rei Artur e à Tábula Redonda.

O cálice de fogo evidencia ainda bastantes semelhanças a um outro cálice de grande poder, que esteve igualmente na origem de torneios e batalhas: o Santo Graal. Esta foi também a taça a partir da qual Jesus Cristo bebeu durante a Última Ceia. Apesar de às vezes ser retratado como um cálice de prata brilhante, tendo sido a taça de um pobre carpinteiro, o Santo Graal terá sido provavelmente feito de madeira – tal como o cálice de fogo. O Graal é igualmente um objeto mágico. Quem dele beber ficará

⁵⁸ Donos do banco dos feiticeiros, Gringotts, que alberga todos os bens de toda a comunidade mágica.

⁵⁹ As relações entre feiticeiros e goblins em *Harry Potter* sempre foram muito instáveis.

⁶⁰ De qualquer forma, nenhum fã da série de *Harry Potter* consideraria Umbridge uma cidadã exemplar ou, até mesmo, uma governadora justa e sábia. Aliás, a sua constante negação das regras, as suas medidas violentas de retaliação e táticas para ganhar e manter controlo, reminiscentes dos métodos da Gestapo, fazem-nos pensar por que razão não estava ela no grupo de Voldemort, em vez de estar no Ministério da Magia (Irwin / Bassham, 2010: 339).

miraculosamente curado. E, tal como o cálice de fogo, o Graal é capaz de sentir se as pessoas têm ou não um coração puro (Colbert, 2008: 190).⁶¹

Outro exemplo a ter em conta é a Ordem da Fénix, no quinto livro da série.⁶² Tanto na literatura como na história, qualquer grupo que se chame uma “Ordem” terá de certeza algum propósito. A Ordem dos Cavaleiros Templários foi fundada em 1119 para proteger peregrinos que viajassem à Terra Santa.⁶³ Em histórias de fantasia e de aventura, uma ordem age quase sempre como um guardião secreto de uma causa. Os peritos em literatura fantástica, John Clute e John Grant, estabelecem o seguinte padrão: os membros destas ordens defendem o seu mundo ou, às vezes, o mundo inteiro; eles combatem o mal ativamente em vez de esperarem que este desapareça; e arriscam as suas vidas pelas suas crenças. Como Clute e Grant explicam, os “Guardiões Secretos” são os adversários mais comuns de senhores das trevas ou potenciais senhores das trevas (*apud.* Colbert, 2008: 316-317).

A Ordem da Fénix também encaixa numa categoria especial de guardiões secretos que Clute e Grant apelidam de “Pariah Elite.” Estas ordens sobrevivem à margem das sociedades, são desprezadas e rejeitadas, devido ao facto do resto do mundo já estar a ficar, pouco a pouco, sob o controlo do inimigo (*idem*, 318). O fundador da Ordem da Fénix, Albus Dumbledore, bem como os seus amigos, são ridicularizados e insultados pela maioria dos outros feiticeiros, incluindo os poderosos políticos Cornelius Fudge e Dolores Umbridge. Contudo, tal como as elites referidas por Clute e Grant, a Ordem da Fénix sobrevive porque é detentora de conhecimentos especiais. Os membros da ordem percebem os seus inimigos melhor do que eles se percebem a si próprios. Além disso, permanecendo fiel aos costumes do passado, a Ordem beneficia de segredos antigos que outros feiticeiros já esqueceram, como por exemplo a capacidade de se deslocarem de um lugar para o outro sem o recurso à rede de Pó de Floo, que está sob constante

⁶¹ De acordo com a lenda, o Rei Artur, rezando aos céus por dádivas durante um período trágico do seu reino, vê o Graal. Depois, o Rei e os seus cavaleiros partem em jornadas para capturar o Graal ou para, pelo menos, perceber o seu significado. No mundo de Harry a tarefa final do Torneio dos Três Feiticeiros é, literalmente, encontrar um Graal, neste caso, a Taça dos Três Feiticeiros, e ganhá-la para Hogwarts, a escola de Harry. E, tal como o Graal é encontrado nas lendas Arturianas por Galahad, filho de Lancelot, por causa da pureza da sua alma, Harry Potter e Cedric Diggory alcançam a taça com sucesso através dos seus fortes e puros corações e também graças à sua perícia em magia (Colbert, 2008: 191).

⁶² Existe uma verdadeira Ordem da Fénix. É uma honra dada pelo governo grego a cidadãos estrangeiros que, de alguma forma, ajudaram a Grécia.

⁶³ Os Cavaleiros Templários ganharam grande poder e influência, fazendo com que os reis da Europa os temessem. Estando na Terra Santa, os Cavaleiros desenvolveram relações com os Muçulmanos, o que fez com que os Cristãos suspeitassem deles. Eventualmente, o ressentimento contra os Cavaleiros cresceu de tal forma, que acreditava-se que o seu poder vinha de bruxaria praticada em rituais secretos. No início do século XIV, o rei de França juntou-se ao Papa para os destruir.

vigilância dos espiões de Fudge, o Ministro da Magia em *Order of the Phoenix* (idem, 318-319).⁶⁴

Uma personagem que se encaixa neste perfil de herói da antiguidade é o próprio Harry Potter. São de facto detetáveis em Harry qualidades que o inscrevem na classe dos heróis. Desde *Philosopher's Stone* que Harry tem vindo a ser visto como um lendário príncipe perdido ou um monarca oculto – tal como Édipo, Moisés ou o Rei Artur.⁶⁵ Antes de ter entrado para a escola de feitiçaria, Harry não sabia que era um feiticeiro – desconhecia inclusivamente a existência de um mundo mágico (idem, 348).⁶⁶ Este padrão da jornada do herói, que aparece em muitos clássicos épicos e é minuciosamente descrito por Joseph Campbell, começa com a chamada à aventura do herói. No caso de Harry, isto acontece quando ele é convocado para Hogwarts. Nestas lendas, um herói nasce, não se faz, e Harry não é exceção. Muito antes de entrar no Expresso de Hogwarts para o seu primeiro ano de escola – até mesmo antes de sequer poder falar ou andar – Harry perde os seus pais, ganha um inimigo perigoso e torna-se famoso no mundo mágico como “O Rapaz que Sobreviveu”⁶⁷ (idem, 477).

Em relação a este aspeto, poderão ser úteis as conclusões a que chegou o psicoanalista Otto Rank (1884-1939), no seu estudo sobre histórias de nascimentos e infâncias de heróis lendários. As suas teorias e as do seu mentor, Sigmund Freud (1856-1939), são de facto fascinantes (idem, 478). Rank deu ao livro onde descreve o padrão heroico replicado em diferentes culturas o título de *The Myth of the Birth of the Hero*. Abreviando as conclusões de Rank, poderemos descrever o seguinte padrão: o príncipe é normalmente escondido num local seguro, por causa de uma profecia sobre um perigo

⁶⁴ A Rede de Pó de Floo é um sistema de transporte que utiliza um pó especial que permite a um feiticeiro deslocar-se de uma habitação para outra (ou de sua casa para o trabalho) lançando o próprio pó para a chaminé da sua habitação. O pó, por sua vez, transforma-se num fogo verde especial não inflamável, no qual o feiticeiro entra para proferir o nome do sítio para onde quer ir. Esta rede é constantemente vigiada e regulamentada pelo Ministério da Magia. Um exemplo de como os feiticeiros contornam a rede é utilizando vassouras para se deslocarem nos céus, visto que o Ministério não dispõe de meios para rastrear as vassouras.

⁶⁵ Um plebeu pode provar ser o descendente de um grande herói após receber a espada do herói. O Rei Artur puxou a Excalibur da pedra; numa saga nórdica, é dada uma espada a Sigmund pelo Deus Odin, que mais tarde a dá ao filho de Sigmund; Harry Potter consegue puxar a espada de Godric Gryffindor (o herói da casa a que ele pertence em Hogwarts) do Chapéu Seleccionador (Colbert, 2008: 364).

⁶⁶ O que o faz ainda mais familiar aos leitores é que Harry é, pelo menos de acordo com os padrões estranhos da família Dursley (os seus tios; a família com quem ele fica a viver após a morte dos pais), um “patinho feio.” Para eles tudo em Harry é estranho e fora do comum. Por essa razão eles tratam-no como a Cinderela foi tratada: aprisionam-no num mundo muito menos interessante do que lhe era devido, forçando-o a dormir num armário debaixo das escadas, quando uma cama de dossel o esperava em Hogwarts. Além disso, dão-lhe os restos da sua comida, o que faz com que Harry fique imensamente surpreendido com a abundância dos festins de Hogwarts (idem, 485).

⁶⁷ Tradução minha do original ingles: “The Boy Who Lived.”

eminente, normalmente devido a rivalidades entre famílias. Existe normalmente uma viagem por um rio abaixo ou até mesmo um oceano, quando o príncipe é levado para o esconderijo. De seguida, ele é criado por uma pessoa ou uma família das classes mais baixas da sociedade (ou até mesmo por um animal), sem que ninguém lhe fale sobre o seu destino. Todavia, o destino controla a sua vida. Ele acaba por encontrar os pais (e pode até mesmo entrar em confronto com o seu pai), acabando por receber todas as honras que lhe são devidas por nascimento (idem, 479). A história da Bíblia sobre Moisés, por exemplo, inscreve-se neste padrão, embora com uma pequena diferença: Moisés nasce como um escravo hebreu, não um príncipe. O Faraó decreta que todos os rapazes hebreus recém-nascidos sejam mortos – mais uma vez, devido a uma profecia que avisa o Faraó de que o herói está para vir (tal como Voldemort é avisado, através de uma profecia, que nascerá um feiticeiro com o poder de o derrotar, Harry Potter). Por esta razão, Moisés é posto dentro de um cesto que flutua por um rio abaixo. No entanto, é encontrado pela filha do Faraó e, por isso, adotado pela família real. A profecia realiza-se quando Moisés lidera a revolta dos escravos do Faraó (idem, 481).

Estas lendas sobre heróis poderão ser encontradas em várias histórias religiosas. Numa entrevista após a publicação do sétimo e último livro da saga de *Harry Potter*, Rowling admitiu que a história de Harry tem uma conotação religiosa: “My belief and my struggling with religious belief I think is quite apparent in this book” (idem, 491). O último livro da série não deixa realmente nenhuma dúvida de que a religião é importante para a série. Não deveria ser surpresa que o cristianismo esteja ligado à história de Harry. Tendo já feito referências a muitas outras culturas, teria sido peculiar que Rowling excluísse a sua própria religião. Quando questionada pelos media, Rowling sempre revelou as suas crenças cristãs, mas de início não quis ligar a sua fé à sua história (idem, 491-492). Numa entrevista, Rowling declarou:

Every time I've been asked if I believe in God, I've said yes, because I do, but no one ever really has gone any more deeply into it than that, and I have to say that does suit me, because if I talk too freely about that I think the intelligent reader, whether ten or sixty, will be able to guess what's coming in the books. (*apud*. Colbert, 2008 493).

O que Rowling quis dizer é que alguns leitores teriam adivinhado que a história de Harry terminaria como a história de Jesus Cristo na Bíblia: em vez de lutar contra o seu inimigo, Jesus está disposto a morrer de forma a salvar a humanidade dos seus pecados e, depois de morrer, ressuscita. Esta história é semelhante ao que acontece no fim do último livro, *Deathly Hallows*: Harry escolhe não lutar contra Voldemort, mas

sacrificar-se por aqueles que ama. Depois parece que ele morre, mas volta à vida.⁶⁸ Após o seu regresso, Harry até oferece misericórdia a Voldemort apesar de todos os seus pecados passados (idem, 493).

A história de *Harry Potter* contém elementos presentes em muitas religiões, mas, no fim, as crenças pessoais de Rowling, que parecem ser diferentes em alguns aspetos, acabam por revelar a sua importância (idem, 494). Encontramos símbolos cristãos em toda a história. Por exemplo, o pai de Harry, James Potter, é um Animagus, um feiticeiro capaz de se transformar num animal; por isso James é representado por um veado, um símbolo clássico de Jesus; e a mãe de Harry, Lily Potter, é representada por uma versão feminina do mesmo símbolo, uma corça prateada. No capítulo 19 de *Deathly Hallows*, Harry segue uma corça prateada através de uma floresta e a corça leva-o a um local onde se encontra uma grande cruz prateada, que Harry percebe ser o punho da espada de Gryffindor, uma das armas necessárias para derrotar Voldemort.

Tal como a história termina com o sacrifício de Harry em *Deathly Hallows*, também começa com um evento semelhante que terá tido lugar muito tempo antes. A mãe de Harry sacrifica-se para salvar Harry, e esta ação cria um poder sobrenatural. Em *Chamber of Secrets*, Harry diz a Voldemort que este não o conseguiu matar exatamente porque a sua mãe morrera para o salvar. Não é também por acidente que “King’s Cross” seja o título do capítulo no qual Harry entra no que Rowling chama de uma espécie de limbo entre a vida e a morte. Neste momento, Rowling alude a passagens na Bíblia que falam de Jesus Cristo como o “Rei dos Reis” e faz também alusão à morte de Jesus na cruz (idem, 495-497).

Contudo, as crenças de Rowling parecem revelar algumas dúvidas. O confronto final de Harry com Voldemort é um bom exemplo da crença de Rowling. Harry derrota Voldemort com uma ação, cujo propósito é lembrar ao leitor a imagem de Cristo na cruz, e Harry regressa à vida tal como acontece a Jesus na Bíblia. Voldemort, tentando recuperar a sua força original após a sua primeira derrota contra Harry no primeiro livro da série, usa o sangue de Harry para a sua ressurreição. Para um leitor cristão, Voldemort pode ter-se derrotado a ele mesmo ao receber o Sacramento Cristão, o sangue simbólico de Jesus que faz parte de alguns rituais cristãos. Todavia, mesmo após a vitória contra Voldemort, em vez de se tornar uma figura divina como Jesus na Bíblia,

⁶⁸ Harry experiencia uma espécie de episódio pós-morte durante o qual ele se encontra no que parece ser uma estação de comboios muito semelhante à estação de King’s Cross, que traduzido à letra, significa, “Cruz do Rei.”

Harry permanece um adolescente feiticeiro comum. Rowling recria o milagre que se encontra no centro da sua religião e imediatamente o reverte. Harry não é Jesus (idem: 498). Rowling põe assim de lado a ideia central do cristianismo: a questão de quem ou o que é sagrado. No cristianismo, não é suficiente seguir-se as regras da ética. Sem fé no papel pessoal de Cristo como salvador, é impossível ser-se salvo. A lição que Harry Potter aprende na sua saga aponta exatamente na direção contrária: Harry não quer que outros feiticeiros tenham fé incondicional nele. Ele próprio aprende a não ter demasiada fé em Albus Dumbledore, ou no seu Padrinho, Sirius Black. Não existe devoção a uma autoridade superior e Harry não se quer transformar nesse tipo de autoridade (idem, 499).

Não obstante, existe uma personagem na história que quase alcança a perfeição divina, mas a escolha de Rowling também parece ter sido mais pessoal do que tradicional. De todas as personagens da série, incluindo Harry, apenas Lily Potter, a sua mãe, parece ser merecedora de adoração. Ela remete essencialmente para a figura da Madonna, a Virgem Maria, Mãe de Jesus. Maria é adorada em muitos grupos Cristãos, mas também no Islão. Ela é um ideal, é favorecida por Deus e a sua compaixão dá força a muitos que a admiram. Estas mesmas qualidades são mencionadas quando outras personagens no mundo de Harry falam de Lily Potter (idem, 500). A própria J.K. Rowling parece sentir o mesmo. Lily é a única personagem importante que não é colocada a um nível humano no decorrer da história. O pai de Harry teve os seus momentos de crueldade, assim como Dumbledore. Sirius Black maltratou Kreacher, o seu elfo doméstico.⁶⁹ O próprio Harry não é nenhum santo, tal como Rowling frequentemente referiu. É esta figura maternal que salva Harry e que poderia salvar Voldemort. Quando Voldemort usou o sangue de Harry para a sua ressurreição, ele também absorveu a poderosa magia protetora de Lily. Rowling afirmou, numa das suas entrevistas, que Voldemort teve uma oportunidade para se redimir porque ele absorvera esperança e amor. É um sacramento, mesmo não sendo tradicionalmente cristão. Lily é também a razão pela qual Harry e Severus Snape se reconciliam: Harry e Snape partilham, de facto, a mesma adoração por Lily (idem, 501).

Outras questões que normalmente inscrevemos na esfera religiosa poderão ser encontradas no centro da série. Harry pergunta-se: Por que é que tenho que sofrer? Será que os meus pais, que morreram, estão vivos no céu? A justiça existe mesmo, ou este é

⁶⁹ Um elfo doméstico é uma pequena criatura que utiliza poderes mágicos sem necessitar de uma varinha e que está, tradicionalmente, ao serviço do feiticeiro.

um mundo em que uns recebem tudo e os outros nada? A misericórdia e o amor poderão mesmo derrotar o mal (idem, 502)? Para Rowling, muitas das respostas vêm da sua religião. Harry mostra o poder do amor, da misericórdia, do altruísmo e sacrifício, tal como Jesus o fez nos seus Evangelhos. No entanto, em *Harry Potter*, não se treme face a Deus. Não se exige que as pessoas tenham fé incondicional em Harry, e o maior poder sobrenatural é dado a uma mulher. Rowling diz que não esperaria que a religião desse todas as respostas. A autora espera conseguir encontrar algumas dentro dela própria. Rowling também está consciente de algumas das respostas que a religião oferece e diz ter alguns problemas com a religião convencional. Como resultado, a escritora construiu o seu próprio conjunto de crenças num total de sete volumes (idem, 503).

Uma das outras crenças centrais de Rowling é a forma como ela vê o mal. Voldemort não parece ser um vilão muito complicado. Ele quer o que quer, não tenta disfarçar o seu desprezo pela vida humana, e coitada da pessoa que se atravessar no seu caminho. Não obstante, não se pode dizer que Rowling tenha ideias simples sobre o mal. Na verdade, Voldemort acaba por se revelar um vilão fora do normal para uma história como a de Harry. Além disso, existe outro tipo de mal na história, talvez mais poderoso e mais perigoso do que o de Voldemort, e que Rowling acredita existir na vida real (idem, 505).

Consideremos uma diferença crucial entre o mal nesta história e em outras. Em livros como *The Chronicles of Narnia*, de C.S. Lewis, ou *The Lord of the Rings*, de J.R.R. Tolkien, o mal é uma força sobrenatural. A sua origem remonta à criação do mundo e a batalhas entre Deus e o anjo caído, Satanás. Apesar de Lewis vestir Satanás com roupas diferentes, e de Tolkien o esconder sob outro nome, na antiga mitologia da sua história, a qualidade sobrenatural do mal é visível em todos os livros. Contudo, se existe mal sobrenatural no mundo de Harry, Rowling não o menciona. Dada a qualidade mágica da série, esta omissão é muito invulgar. Na maioria das tradições, o poder da magia vem da convocação de espíritos sobrenaturais, incluindo Satanás, ou figuras como ele. No mundo de *Harry Potter*, ninguém convoca os espíritos dos mortos malvados. Para Rowling, o mal tem uma face humana. A autora disse uma vez que decidira não fingir que a presença do mal era feita de “cardboard cutout and nobody gets hurt.” Se alguém escreve sobre o mal, essa pessoa tem a responsabilidade de mostrar o que realmente significa. Rowling disse que não ia contar uma mentira (idem, 506-507), por isso, usa a magia do seu mundo para revelar e explicar a verdade do mundo real.

Todavia, para uma história com tanta magia, é uma surpresa (e um aspeto muito importante) que Voldemort não recorra à magia para atrair seguidores. Com os seus poderes, ele poderia facilmente enfeitiçar todos os servos de que necessitasse. Essa é uma forma comum de Senhores das Trevas ganharem poder. Ou então ele poderia simplesmente ter criado um exército, dando vida a algo inanimado como argila ou pedra⁷⁰ (idem, 511). Voldemort consegue seguidores sem sequer lançar um feitiço. Eles seguem-no por causa da sua própria psicologia, são pessoas que sentem necessidade de seguir um líder. Eles estavam já fascinados com Voldemort quando ele era apenas Tom Riddle, um aluno extraordinário. Ele não estava a recrutar Devoradores da Morte nessa altura, mas eles já reuniam à volta dele.⁷¹ Por que haveriam feiticeiros de grande poder e com um futuro brilhante de seguir Riddle? As razões por detrás dessa necessidade dizem muito sobre a noção de Rowling relativamente ao mal (idem, 512).

Podemos dizer que os feiticeiros sentem as mesmas emoções que os Muggles. Todos os seres humanos sabem que os seus poderes são pequenos, quando comparados com os perigos do mundo, e por essa razão desejam segurança. Mesmo quando as crianças são separadas dos pais, estas procuram novas figuras de autoridade que ofereçam o mesmo tipo de conforto. Os psicólogos descrevem este desejo por uma figura paternal como um desejo por “proteção mágica” (idem, 513). Sigmund Freud comentou que os líderes, como os pais, eliminam o medo e permitem que os seguidores se sintam poderosos. Os feiticeiros de Rowling, mesmo com todo o seu poder mágico, procuram a mesma coisa de um feiticeiro, cujos poderes são maiores do que os deles. O líder dá aos seus seguidores a visão do mundo que eles querem ver e apela ao seu narcisismo, dizendo-lhes que eles é que são bons e que os seus inimigos são malvados. Se eles não tiverem inimigos, o líder cria-os. Por exemplo, Voldemort faz-se inimigo dos Muggles e de feiticeiros “Sangue-de-Lama”⁷² (ibidem). Como Joseph Conrad

⁷⁰ Exemplos de exércitos sobrenaturais remontam a mitos antigos. Na história grega do Velocino de Ouro, guerreiros apareciam de dentes de dragão plantados num campo. O folclore judeu fala de um Golem, um monstro de argila gigantesco a quem foi dada vida de forma a proteger os judeus contra ataques (Colbert, 2008: 511).

⁷¹ Até mesmo Horace Slughorn, um dos seus professores, que se pensava um líder, e que tinha criado o “Slug Club”, para arranjar admiradores, também estava encantado com Riddle.

⁷² “Mudblood” é o termo original inglês e significa um feiticeiro cujos pais sejam Muggles. Por este motivo, são menosprezados por feiticeiros que tenham sangue puro e que, por isto, se consideram feiticeiros de verdade. Rowling já falara muitas vezes sobre as referências feitas a agressões e ao tratamento sádico de “Sangues-de-Lama”, Muggles e outras criaturas mágicas como, por exemplo, elfos domésticos. A autora confirma que estava a pensar na Alemanha Nazi e noutras atrocidades (Colbert, 2008: 517-518).

comentou, “The belief in a supernatural source of evil is not necessary. Men alone are quite capable of every wickedness” (*apud*. Colbert, 2008: 521).

A magia dos livros de Rowling, bem como a religião e os motivos religiosos que aparecem na série, demonstram o oposto do que aparece nos livros: que os Muggles são iguais aos feiticeiros no que toca às suas necessidades religiosas, ou espirituais, de liderança e de conforto. A magia, contrariamente ao que acontecia no passado, dá enorme relevância à religião, pois é a partir dos momentos mágicos inseridos no enredo que os motivos religiosos ocorrem. Contudo, conseguimos ver que a autora quer dizer o contrário do que a magia consegue fazer no mundo de Harry: que a magia é uma ilusão e que *Harry Potter* é uma reflexão sobre o que acontece no nosso próprio mundo, e mesmo que fôssemos feiticeiros e vivêssemos neste mundo, que pode ser chamado de um universo paralelo ao nosso, a nossa vida não seria mais fácil do que a vida que os Muggles levam.

Não obstante e, curiosamente, a magia de Rowling não dá apenas relevância à religião, mas também, se bem que de forma não tão direta, à ciência do nosso mundo. Apesar de o mundo de Harry ter sido construído com base em magia, esta é a ferramenta que os feiticeiros usam para estudar, explorar e melhor compreender o seu próprio mundo. As poções são usadas para fins medicinais; os feiticeiros têm meios de transporte, tal como os Muggles (mesmo que tenham diferentes propriedades). Uma das poucas desvantagens é a forma como os feiticeiros trocam a sua correspondência: os feiticeiros trocam cartas entre si usando corujas. As corujas sempre foram consideradas animais mágicos e símbolos de sabedoria na cultura ocidental desde tempos antigos, por isso faz todo o sentido que um animal com conotações místicas seja utilizado por feiticeiros para o intercâmbio de mensagens (Gimbutas, 2001: 158). Contudo, os Muggles conseguem vencer os feiticeiros nesse aspeto, visto serem capazes de enviar um e-mail ou uma mensagem de telemóvel com um simples clique de um botão para receção imediata. Outra vantagem consiste no facto de, em vez de se seguir receitas para a criação de remédios/antídotos para doenças como gripes, constipações ou dores corporais, bastar uma ida à farmácia para se comprar medicamentos. Adicionalmente, nos nossos laboratórios são desenvolvidos, todos os dias, antídotos para combater doenças mais mortíferas.

Todavia, muitas das descobertas e invenções dos feiticeiros estão a ser replicadas no nosso próprio mundo. No mundo de Harry existe, por exemplo, um objeto, o Manto da Invisibilidade, que, como o nome indica, permite ao seu utilizador tornar-se invisível

de forma a proteger-se de ameaças. A procura da invisibilidade tem sido um desejo muito recorrente na ficção científica. O melhor exemplo deste desejo pode ser ilustrado por *The Invisible Man* de H.G. Wells. O homem invisível nesta obra é Griffin, um cientista que se dedica à investigação da ótica e consegue criar uma forma de modificar o corpo humano de forma a que não absorva e reflita a luz, conseguindo, através deste processo, tornar-se invisível.⁷³

Uma outra obra na qual a invisibilidade é recorrente é *Lord of the Rings*, de Tolkien. O senhor das trevas desta saga, Sauron, cria um anel todo-poderoso através do qual deseja controlar uma Idade Média alternativa, um outro mundo paralelo ao nosso. Este anel de Sauron também tem o poder de tornar invisível todo aquele que o colocar, incluindo Frodo Baggins, que é incumbido de destruir o anel do senhor das trevas, mas que não deixa de ganhar grandes benefícios por usar o anel. Apesar de este atrair os laçaios de Sauron sempre que o anel é posto, Frodo conseguiu escapar a muitas situações complicadas graças à invisibilidade concebida pelo anel.

Atualmente, os cientistas estão a fazer todos os possíveis para tornar ficção em realidade pesquisando formas de introduzir a invisibilidade no nosso quotidiano. Na Universidade de Cambridge, os cientistas estão a desenvolver um novo método para produzir materiais invisíveis com o uso de lasers. O efeito criado pelo material é que a luz refletida é inversamente refratada, fazendo com que os objetos pareçam invisíveis, assim criando o caminho para mantos de invisibilidade e outros dispositivos semelhantes. Um dos cientistas, Valev, acredita que os novos materiais encontrarão utilização progressiva em comunicações, energias renováveis, eletrónica e também novas fronteiras tecnológicas. Estas incluem proteção por parte de dispositivos que poderão ser usados para melhorar a tecnologia de proteção militar.⁷⁴

Outros exemplos de ciência no mundo de Harry Potter são o estudo de plantas e animais; tanto no mundo dos feiticeiros como no nosso mundo as plantas são estudadas para melhor se compreender as suas funções, bem como as suas aplicações técnicas: as plantas podem ser usadas para fins medicinais e as árvores são usadas para a construção de casas. O estudo de animais faz com que as pessoas tenham noção de quais os animais

⁷³ *The Invisible Man* é baseado na história do Anel de Gyges, um artefacto mágico mencionado pelo filósofo Platão no Livro 2 da sua República. Este anel dava ao seu utilizador o poder de se tornar invisível.

⁷⁴ <http://www.ibtimes.co.uk/laser-stitching-technique-could-create-invisibility-cloaks-1458719>, Cuthbertson, 2014

mais perigosos e os menos perigosos e também, por exemplo, o seu lugar na cadeia alimentar.

Os cientistas até estão a “recriar” os feitiços de Harry Potter através de comprimidos. Quando Harry e os seus amigos precisam de apagar a memória a alguém, eles usam o feitiço “Obliviate.” Este feitiço ajudou o Ministério da Magia a manter o seu mundo um segredo para os Muggles, por exemplo, quando os Muggles encontram dragões ou qualquer outra coisa da qual eles não deveriam saber. Karim Nader, da Universidade de McGill, no Canadá, e a sua equipa mostraram que algumas drogas podem amenizar memórias traumáticas. Agora parece que apagadores de memória mais específicos se podem tornar realidade. Um estudo realizado por Andre Fenton e os seus colegas na Universidade Estatal de Nova Iorque mostra que apagar memórias é facto científico. A equipa descobriu uma parte crucial do mecanismo complexo que controla as recordações no nosso cérebro e mostrou que manipulando uma única molécula que se pode apagar memórias a longo prazo. A equipa irá usar as suas descobertas para conceber tratamentos para, por exemplo, stress pós-traumático e epilepsia.⁷⁵

Um outro aspeto que os cientistas estão a tentar desenvolver é a regeneração de membros do corpo humano. Em *Chamber of Secrets*, quando Gilderoy Lockhart removeu todos os ossos do braço de Harry, Madam Pomfrey, a médica de Hogwarts, deu a Harry uma poção chamada Skele-Gro que fez com que os ossos do braço de Harry fossem restaurados. Investigadores estão desesperadamente a tentar encontrar formas de regenerar dedos ou até mesmo membros inteiros, e agora a descoberta de uma espécie de rato, o Murphy Roth’s Large (MRL), sugere que um dia isso possa ser possível. A professora Ellen Heber-Katz, do Instituto Wistar, na Filadélfia, deparou-se com as incríveis capacidades regenerativas deste rato enquanto realizava o seu estudo sobre o sistema imunitário. Ela identificou o rato que recebeu uma droga durante um teste fazendo um pequeno furo nas suas orelhas. Um mês mais tarde, a doutora descobriu que os furos tinham desaparecido. As orelhas dos ratos foram furadas uma segunda vez, desta vez sem a administração da droga, e, passado algum tempo, os buracos voltaram a desaparecer. Este tipo de regeneração nunca tinha sido visto num rato. Uma pesquisa mais profunda por parte da professora Heber-Katz evidenciou que os tecidos do coração e a coluna do rato MRL também se regeneravam depois de terem sofrido um traumatismo, e sem deixarem sinais de cicatrizes. Outros órgãos e os nervos fizeram o

⁷⁵ <http://www.telegraph.co.uk/news/science/science-news/3300033/Harry-Potter-magic-fact-behind-the-fiction.html>, Highfield, 2007

mesmo, e até as impressões digitais do rato se regeneraram depois de terem sido danificadas. Neste momento, a equipa está a pesquisar as combinações genéticas exatas que possam estar na origem da regeneração.⁷⁶

Acredito que, através de Harry Potter, podemos observar os seguintes fatores relativamente à magia, à religião e à ciência: a magia, apesar da sua aparente onipotência e da sua grande presença na série, é algo de ilusório e que a autora de *Harry Potter* utiliza para nos fazer ver que a vida não é fácil, seja em que mundo for. Os motivos religiosos encontrados nos livros servem para ajudar os leitores a compreender questões de teor religioso e espiritual, as mesmas que Harry enfrenta na sua aventura. Os feiticeiros são cientistas, à sua própria maneira. A magia que eles usam é a forma como eles fazem o estudo do seu meio envolvente. Os Muggles, através das suas próprias ferramentas, estudam o meio ambiente tal como os magos de *Harry Potter*. Muggles e feiticeiros não são, de facto, assim tão diferentes: ambos são humanos e enfrentam as dificuldades e os perigos do seu mundo. Podemos dizer que a ciência, tal como a magia em *Harry Potter*, é algo que faz com que sonhos se tornem realidade e com que o impossível se torne possível.

Não obstante, de forma a fortalecer e a tornar mais evidente a ligação entre a magia, a religião, a ciência e o mundo de Harry Potter, irei proceder a uma pequena análise comparativa entre estes três temas e três objetos de grande poder que aparecem no último livro da série, *Deathly Hallows*: os Talismãs da Morte, mais especificamente, a Varinha de Sabugueiro, a Pedra da Ressurreição e o Manto da Invisibilidade. Na minha opinião e, como procurarei explicar no próximo capítulo, estes três objetos podem ser considerados encarnações materiais dos três tópicos supra mencionados no mundo de *Harry Potter*. Acredito que a análise em que de seguida investirei legitimará a minha ideia de que a magia, a religião e a ciência são, na verdade, os “Talismãs da Vida”.

⁷⁶ <http://www.telegraph.co.uk/news/science/science-news/3300033/Harry-Potter-magic-fact-behind-the-fiction.html>, Highfield, 2007

Capítulo 3.1

Os Talismãs da Vida

[draws a line] The Elder Wand, the most powerful wand ever made. [draws a circle] The Resurrection Stone. [draws a triangle] The Cloak of Invisibility. Together, they make the Deathly Hallows. Together, they make one master of death.

J.K. Rowling, *Harry Potter and the Deathly Hallows*

Os Talismãs da Morte⁷⁷ foram criados por três irmãos feiticeiros, os Peverell, no mundo de *Harry Potter*, e serviram de inspiração para um conto de Rowling para crianças mágicas, “The Tale of the Three Brothers”, que faz parte da pequena coletânea publicada pela autora, *The Tales of Beedle the Bard*. Neste conto, três irmãos feiticeiros, recorrendo à magia, conseguem evitar uma morte certa. De repente, aparece-lhes uma figura encapuzada: a própria Morte. Esta dá três objetos especiais aos três irmãos, por terem sido capazes de a evitar: o irmão mais velho recebe a Varinha de Sabugueiro, o irmão do meio recebe a Pedra da Ressureição e o irmão mais novo, sabendo que não deveria confiar na Morte, pede e recebe, se bem que relutantemente, o Manto da Invisibilidade. Como qualquer outro conto, “The Tale of the Three Brothers” tem como propósito ensinar uma moral aos seus leitores.

Quando a mãe da autora morreu aos 45 anos de idade, Rowling já tinha começado a escrever sobre Harry. A morte da mãe direcionou o foco da história. Segundo a autora, a partir desse momento a morte tornou-se um tema central da história, muito possivelmente o tema central dos sete livros. A história dos Talismãs da Morte, que é contada não só na coletânea de contos, mas também no último livro da série é provavelmente a mais importante da série (Colbert, 2008: 523). Rowling afirmou que a história dos irmãos Peverell e dos seus Talismãs foi inspirada no “The Pardoner’s Tale”, um episódio dos *The Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer.⁷⁸ O perdoador de *The Canterbury Tales* conta uma história (que Chaucer vai beber a outras fábulas) sobre três

⁷⁷ Em lendas Célticas, deuses conhecidos como Tuatha Dé Danaan trouxeram quatro talismãs para a Irlanda: uma pedra mágica que podia dar longa vida ao rei, uma espada e uma lança de grande poder e um caldeirão mágico que tinha comida infinita. Nas lendas Arturianas existem também quatro talismãs: a taça da qual Jesus bebeu, uma espada, um prato e uma lança. A lança é, às vezes, chamada de “Lança do Destino” (“The Spear of Destiny”). De acordo com a lenda, foi usada por um soldado romano para trespassar Jesus na cruz e esta ainda tem o sangue de Jesus nela. Isto faz o dono da lança invencível. No último livro de *Harry Potter*, a Varinha de Sabugueiro é chamada “A Varinha do Destino” (“Wand of Destiny”) e é conhecida na história por dar invencibilidade ao seu dono (Colbert, 2008: 524-526).

⁷⁸ Um perdoador (pardoner) era um agente oficial da igreja que vendia o perdão da igreja a pessoas que tinham cometido certos pecados.

homens que querem vingar a morte de um amigo, tentando para o efeito encontrar e matar a própria Morte. Contudo, no sítio onde eles esperam encontrar a Morte, deparam-se com moedas de ouro. Decidem então descansar e um dos homens vai comprar vinho. Quando este se ausenta, os outros dois concebem um plano muito simples, de forma a ficarem com o dinheiro para eles e matam-no quando ele regressa. Seguidamente, celebram o seu sucesso bebendo o vinho, nunca suspeitando de que o homem que tinha ido comprar o vinho tinha também engendrado um plano simples: colocara veneno na bebida. Assim, os dois homens morrem e a Morte é vitoriosa uma vez mais (idem, 524-526).

A versão de Rowling é ligeiramente diferente: a Morte engana os irmãos Peverell ao dar-lhes três presentes que, aparentemente, os tornarão mais fortes do que ela. Com os dois primeiros Talismãs, a Varinha de Sabugueiro e a Pedra da Ressureição, existe um problema: os dois morrem prematuramente e os irmãos que recebem estes objetos rapidamente se arrependem das suas decisões. Todavia, o irmão que não pede para derrotar a morte recebe o Manto da Invisibilidade e consegue, assim, viver uma vida natural completa através da sua proteção. Sabiamente, o irmão mais novo não tenta iludir a Morte por mais tempo do que o necessário. A versão de Rowling dá um novo significado à história. Na versão de Chaucer, o perdoador explica que o que ele pretende ilustrar com a sua história é que a ganância é a raiz de todo o mal (“greed is the root of all evil”). Como Hermione Granger explica a Harry e a Ron, o conto de fadas dos irmãos Peverell é uma história sobre o medo que os seres humanos sentem da morte⁷⁹ (*Deathly Hallows*, 481).

A história dos irmãos Peverell também apresenta as escolhas de Harry para enfrentar Voldemort: ele poderia cometer o erro de tentar usar a violência da Varinha de Sabugueiro para derrotar Voldemort, algo que se sente bastante tentado a fazer. Ele poderia cometer o erro de usar a Pedra da Ressureição para trazer os seus pais de volta e, assim, recuperar a família. Esta é uma tentação ainda maior. Ou então ele poderia simplesmente aceitar que a morte é um destino natural e inevitável e que os sobreviventes têm que continuar a viver. Ao fazer esta terceira e última escolha ele torna-se, nas palavras de Dumbledore, um mestre da morte (idem, 817).

⁷⁹ Por exemplo, Voldemort, parece ser extraordinariamente poderoso para os outros feiticeiros, mas Rowling não o vê dessa forma. Voldemort treme perante a possibilidade da morte e ele fará qualquer coisa para não morrer. O seu próprio nome denuncia esta intenção: *Vol de mort* significa fuga da morte (“flight from death”). Ele não vai tentar enganar a morte, ele espera superá-la. Este desejo obsessivo leva-lo a cometer todos os seus crimes (Colbert, página 527).

O primeiro objeto a ser adquirido é a Varinha de Sabugueiro. Esta é conhecida como a “Varinha do Destino” ou “Pau da Morte” e é considerada a mais poderosa varinha alguma vez criada na história do mundo de *Harry Potter* e é, por isso, que a considero a encarnação física do conhecimento mágico e, neste caso, o equivalente e representante da magia. O motivo principal para esta ligação é que este talismã é, acima de tudo, uma varinha. Através das varinhas, os feiticeiros conseguem canalizar os seus poderes mágicos e lançar os feitiços que sempre inspiraram e seduziram as imaginações de muitos leitores e escritores em várias alturas: permitindo levitar objetos, convocá-los desde longas distâncias e transformar pessoas e objetos ou fazê-los desaparecer ou multiplicar. Não há dúvida nenhuma de que a varinha é a ferramenta mais importante de um feiticeiro. No mundo de Harry, estas são feitas ao combinar partes de criaturas mágicas – cabelos de cauda de unicórnio, penas de caudas de fénix, e fios de corações de dragões – com madeira de árvores como o salgueiro, o mogno, o teixo, o carvalho e o carvalho silvestre, a faia, e o ébano. Cada varinha é ligada à personalidade de cada indivíduo, e é a varinha quem escolhe o feiticeiro e não o contrário (idem, 558).

Julga-se que os feiticeiros sempre usaram varinhas. Estas varas – ou, em alguns casos, grandes bastões – concentram o poder mágico.⁸⁰ No passado, alguns feiticeiros preferiam varinhas feitas de madeira de sabugueiro, que eram consideradas especialmente mágicas. Os feiticeiros que praticavam magia negra usavam normalmente cipreste, que era associado com a morte⁸¹ (idem, 436). Contudo, será que a Varinha de Sabugueiro, considerada a mais poderosa, funciona como se diz que funciona e é, por isso, invencível? Será que a magia da varinha é infalível e terá ela a capacidade de ultrapassar os muitos esforços e invenções das pessoas não mágicas, os Muggles?

De acordo com o conto dos três irmãos, o irmão que consegue a varinha consegue matar um feiticeiro com quem tinha uma rivalidade, com a maior das facilidades. No entanto, depois de se ter gabado dos poderes da sua varinha, de forma a que toda a gente o pudesse ouvir, ele é assassinado enquanto dorme e a varinha é-lhe tirada. Esta situação

⁸⁰ Alguns antropólogos acreditam que pinturas cavernais da Idade da Pedra que mostram pessoas com paus têm como objetivo retratar líderes de clãs a segurar varinhas, assim assegurando o seu poder. Isto é considerado um palpite, mas existem provas consistentes disso e que remontam ao antigo Egipto. Hieróglifos mostram padres a segurar pequenos bastões. Na mitologia grega, Hermes, mensageiro dos deuses gregos, tinha uma varinha especial chamada Caduceus. Este era um bastão com asas, com duas serpentes envolvidas à sua volta. Este bastão significava sabedoria e poderes curadores. Houve médicos que o adotaram como o seu símbolo há centenas de anos e ainda o usam hoje em dia (Colbert, 2008: 435).

⁸¹ No entanto, J.K. Rowling diz-nos que a varinha de Voldemort é feita de teixo, o que também faz sentido. Acredita-se que o teixo tem imenso poder sobrenatural. A determinada altura o teixo tornou-se um símbolo tanto da morte e do renascimento – a mesma imortalidade que Voldemort deseja tão desesperadamente (idem, 436).

suscita várias perguntas e dúvidas sobre a utilidade e segurança da utilização da Varinha de Sabugueiro. Considerada a mais poderosa de todas, a Varinha do Destino é um objeto extremamente apelativo para os feiticeiros do mundo de *Harry Potter*, ao ponto de ter deixado um rasto sangrento escrito em várias páginas da história do mundo dos feiticeiros. Guiados pela ganância e pela busca de poder, os feiticeiros faziam duelos para lutar pela posse da varinha. Em *The Tales of Beedle the Bard*, ao analisar e oferecer as suas considerações sobre a Varinha de Sabugueiro, Albus Dumbledore afirma que todos os seres humanos, sejam eles Muggles ou feiticeiros, têm inerentemente um desejo de poder e, infelizmente, uma forte tendência para escolher aquilo que é pior para eles. Como um dos objetos mais poderosos do mundo de *Harry Potter*, a Varinha do Destino atraía os corações de pessoas que simplesmente tentavam arranjar uma forma de se tornarem mais poderosas e, por conseguinte, mais protegidas.

No entanto, Dumbledore, um dos últimos donos da Varinha de Sabugueiro, soube comportar-se diferentemente. Depois de ter conquistado a varinha do seu adversário sem o ter matado, o sábio feiticeiro foi capaz de usar os imensos poderes da varinha para proteger os outros, assim domando a varinha; e, com medo de que outros soubessem da sua existência e cometessem os mesmos erros que os seus antecessores, Dumbledore manteve a varinha em segredo.

Outra personagem que demonstra a mesma sabedoria e comportamento terra-a-terra ao não procurar a varinha é o próprio Harry Potter. Durante a sua jornada para derrotar o seu pior inimigo, Voldemort, Harry fica a saber da existência da Varinha de Sabugueiro, que Voldemort também queria para si. Harry tem duas escolhas possíveis: procurar e destruir os Horcruxes de Voldemort sem procurar a Varinha de Sabugueiro, que era o que Dumbledore pretendia, ou então procurar a varinha mais poderosa de todas, levando Harry a violar o túmulo de Dumbledore (que foi o que Voldemort fez), anteriormente assassinado, e com quem a varinha jazia. Harry, guiado pelo seu propósito de salvar o mundo inteiro de Voldemort e mantendo os altos padrões morais, comuns em todos os heróis, mostrou conhecer a realidade do seu mundo e escolheu o caminho mais longo, que, apesar de ser árduo e complicado, era aquele que levaria com toda a certeza à derrota do Senhor das Trevas.

A escolha do protagonista causou reações variadas entre os seus dois melhores amigos, Ron Weasley e Hermione Granger. Ron, influenciado pelas lendas da varinha, criticou a escolha de Harry, dizendo que a varinha teria sido uma arma poderosa na luta contra Voldemort. Não obstante, como Hermione enfatizou, violar o túmulo de

Dumbledore teria sido uma ação desprezível, e a procura da varinha não seria por certo o caminho que Dumbledore desejava para Harry. Harry estava decidido a utilizar todos os meios possíveis de forma a derrotar o seu archi-inimigo, mas apenas desde que estivessem dentro dos padrões da moralidade. Ao contrário dos feiticeiros negros, Harry sabia que havia certos tipos de magia que não deviam ser procurados. Ao planear o passo seguinte na perseguição dos Horcruxes de Voldemort, o trio de heróis descobriu um outro facto curioso sobre varinhas, e que os ajudou a derrotar o Senhor das Trevas. O perito em varinhas inglês da série de *Harry Potter*, Ollivander, informa Harry, num determinado momento do último livro da saga, que Harry ganhara a fidelidade de uma varinha que pertencera a um dos seus outros seus inimigos e rivais de escola, Draco Malfoy, que Harry simplesmente desarmara num duelo sem o ter matado. Isto significa que, de cada vez que um feiticeiro é derrotado num duelo, a varinha transfere a sua lealdade para o indivíduo vitorioso.

Podemos pois ver que, apesar de serem o instrumento de trabalho mais importante do mundo mágico, as varinhas são instrumentos bastante instáveis. Isto coloca uma outra questão: a quem é que a Varinha de Sabugueiro jurava a sua fidelidade naquele momento? A Voldemort ou a outra pessoa? Voldemort, a quem Ollivander também falou da Varinha do Destino e das varinhas em geral, após ter sido torturado, acreditava que a varinha pertencia, naquele momento, ao feiticeiro que matara Dumbledore. Na mente do feiticeiro negro, a lenda da varinha era para ser levada à letra, e por isso ele matou um dos seus próprios servos, Severus Snape, responsável pela morte de Dumbledore. Desta forma, Voldemort esperava ganhar controlo absoluto da varinha. No entanto, tal ação provou não ser suficiente. Depois de ter sobrevivido a muitas provações e aventuras, Harry chegou ao seu confronto final com Voldemort. A determinada altura, apercebeu-se de que a Varinha de Sabugueiro passara a sua fidelidade para ele próprio, pois ele desarmara o feiticeiro que desarmara Dumbledore, antes de este ter sido assassinado. A varinha pertencera a Draco Malfoy, o que significava que a varinha passara de Draco para Harry. Devido à séria falta de discernimento de Voldemort e à fidelidade da varinha para com Harry, Voldemort é derrotado.

Contrariamente ao que a varinha todo-poderosa fazia as pessoas acreditar, esta não mantinha as pessoas afastadas do seu utilizador por temerem o seu incrível poder. Em vez disso, atraía muitos outros feiticeiros, que tiravam a varinha ao utilizador atual. Seguidamente, tanto a varinha, como as suas vidas eram-lhes tiradas. Em vez de

segurança, a varinha só atraía problemas atrás de problemas. Adicionalmente, as baixas causadas pelo Pau da Morte haviam sido tantas que a sua história, na realidade, provava o oposto daquilo que fazia as pessoas acreditarem que poderia fazer: a varinha podia ser vencida e, nesse sentido, não era a varinha mais poderosa de todos os tempos; procurar esta varinha apenas trazia desgraça a quem o fizesse. Estes acontecimentos lamentáveis, a cegueira dos feiticeiros e a sua sede de poder levaram até à criação de um ditado que, na minha opinião, resume muito bem a história do primeiro Talismã: “Wand of Elder, Never Prosper” (*Deathly Hallows*: 467).

Apesar da sua imensa utilidade e dependência no mundo de *Harry Potter*, a magia, um poder que alimenta maioritariamente a imaginação, evidencia muitas falhas no mundo de Harry. Além disso, a varinha mais poderosa de todas demonstra que a magia é, na realidade, pura ilusão e que os poderes da imaginação precisam dos alicerces da realidade para se poderem sustentar. O próprio Harry ficou a saber que a magia tem os seus limites e é, por isso, forçado a encontrar um consenso entre a magia do seu mundo e a crueldade da realidade. Por exemplo, uma das desilusões de Harry relativamente à magia é que esta não pode trazer os mortos de volta à vida.

Lamentavelmente, para os leitores de *Harry Potter*, independentemente das muitas maravilhas que a magia tenha para oferecer neste mundo, esta não é ilimitada nem onipotente. Em *Deathly Hallows*, podemos ver que tanto os feiticeiros como os Muggles têm de enfrentar as adversidades e que cada grupo tenta sobreviver da melhor forma possível. No final, ambos os grupos são iguais: todos são humanos.

Contudo, não é minha intenção dizer que a imaginação é inútil, muito pelo contrário: tal como a magia, a realidade apresenta muitas falhas, muitas questões por resolver e espaços em branco por preencher, como também já mencionei anteriormente. Tal como a imaginação depende da realidade para sobreviver, a realidade precisa da imaginação dos seres humanos para o seu contínuo desenvolvimento. Além disso, tanto a razão como a ciência têm dificuldades em satisfazer a necessidade desesperada dos seres humanos por orientação espiritual e emocional, que aparentemente só poderão ser encontradas num mundo que não o material, e isto apesar dos esforços da ciência. Com estas últimas palavras em mente, podemos passar para o segundo Talismã, a Pedra da Ressurreição.

A Pedra da Ressurreição, como o nome indica, e tal como foi explicado no “The Tale of the Three Brothers”, tem o poder de trazer pessoas amadas de volta do mundo dos mortos, mas, tal como a varinha, tem também um problema. De acordo com o “The

Tale of the Three Brothers”, esta pedra deveria ser usada com o propósito de humilhar a morte ainda mais, mas tal não aconteceu. O feiticeiro que ficou com a Pedra da Ressurreição, o irmão do meio, foi capaz, com a pedra, de trazer de volta a mulher que ele tanto amara e com quem era suposto ele ter casado, mas que morrera prematuramente. Contudo, a sua amada não se sentia feliz no mundo dos vivos. A noiva estava emocionalmente distante, pois, tal como é afirmado no conto, já não pertencia ao mundo dos mortais. Por esse motivo, o segundo irmão, louco de desespero e desejo, cometeu suicídio, juntando-se assim verdadeiramente a ela. A Morte conseguiu pois vencer o segundo irmão tal como sucedera com o primeiro.

Normalmente, ressurreição dos mortos é considerada uma prática de magia negra, um ritual negro que traz as pessoas de volta na forma de zombies, uma prática conhecida como necromancia, mas esse não é o caso no conto. Apesar dos detalhes sinistros e suicidas relativos à Pedra da Ressurreição, é-nos ensinada uma lição valiosa. A ressurreição dos mortos é considerada horrível e é, portanto, banida pela lei do mundo dos feiticeiros. No entanto, a ressurreição que testemunhamos através da Pedra é, de certa forma, diferente. O contacto que o segundo irmão experiencia no mundo dos mortos é bastante reminiscente, não de corpos podres sem alma, mas da vida após a morte que a religião cristã promete.

A referência à Pedra da Ressurreição é sem dúvida reminiscente da visão que J.K. Rowling tinha da morte, sobretudo, como vimos já, depois da morte extemporânea da sua mãe. Apesar de a escritora se definir como religiosa, a religião não lhe deu nessa altura o conforto de que necessitava. Em vez disso, Rowling criou um mundo onde se pudesse resolver o conflito entre o desejo de enganar a morte e a impossibilidade de realmente o conseguir. O seu maior desejo poderia ser ver a sua mãe outra vez, mas quando o próprio Harry teve a oportunidade de se reunir com os seus pais, Harry já sabia que, infelizmente, tal não poderia acontecer (Colbert, 2008: 529). Não significa isto que Rowling estivesse a rejeitar a ideia da possibilidade de uma vida após a morte. A sua atitude parece ser mais complicada do que isso. Quando interrogada sobre a afirmação de Dumbledore de que a morte é apenas a próxima grande aventura⁸², Rowling revelou: “I would like to... I’m not as wise as him. I would like to see it that way. And I do see it that way, in many ways.” A escritora esclareceu que a morte ainda a assusta, tal como assusta a grande maioria das pessoas (idem, 530). Todavia, no

⁸² Tradução minha do original: “Death is but the next great adventure” (*Philosopher’s Stone*: 335).

túmulo dos pais de Harry encontramos a seguinte inscrição: “The last enemy that shall be destroyed is death.” Esta é uma citação do Novo Testamento (Corintianos 15:26) que se refere à vida eterna no céu (*apud.* Colbert, 2008: 530). Intencionalmente ou não, deparamo-nos aqui com uma solução confortável para Rowling, que imagina uma vida celestial para os pais fictícios e também, por que não, para a sua própria mãe.

Uma das epígrafes no início do último livro da saga é uma citação de William Penn, o Quaker que fundou a Pennsylvania: “Death is but crossing the world, as friends do the seas; they live in one another still. For they must needs be present, that love and live in that which is omnipresent” (*apud.* Colbert, 2008: 531). Para Penn, isto significava que o amor de Deus ligava-o a pessoas amadas que tinham falecido. Harry poderia não ter partilhado os sentimentos de Penn nesta sua exata formulação, mas a felicidade que ostentou no epílogo de *Deathly Hallows* começou, certamente, com alguma crença nas palavras: “They that love beyond the world, cannot be separated by it. Death cannot kill what never dies” (*apud.* Colbert, 2008: 531). A Pedra da Ressurreição pode ser vista, portanto, mais como um objeto que permite ao utilizador comunicar com pessoas amadas que já faleceram do que um processo para as trazer de volta, que é o que acontece no caso de Harry. Quando Harry se prepara para se sacrificar às mãos de Voldemort, recorre à Pedra da Ressurreição para visualizar imagens espectrais das pessoas que ele mais amava, que já haviam falecido, e de quem sentia falta: os seus pais, o seu Padrinho, Sirius Black e um dos seus amigos e antigos professores, Remus Lupin.

A moral que nos é ensinada através da Pedra é que a morte é inevitável e que é impossível escapar-lhe. Não obstante, também aprendemos que no mundo além da morte as pessoas encontram paz, e não dor e tristeza. Além disso, as pessoas têm a oportunidade de se reunirem com os seus amados. Os mortos são felizes enquanto mortos e encontram paz absoluta, tal como o segundo irmão encontrou a sua felicidade ao juntar-se à sua amada no outro mundo. Esta paz de espírito e descanso eterno também são referidos nas crenças cristãs. Todavia, não é de todo minha intenção afirmar, que as pessoas devem cometer suicídio ou que só são felizes quando morrem e se juntam aos seus amados na outra vida. A mensagem que nos é transmitida através da Pedra é que as pessoas que avançaram para o mundo dos mortos pertencem e devem ficar no mundo dos mortos e, por isso, não deverão ser perturbadas, pois, ao entrarem na nova vida, encontrarão paz absoluta e a única coisa que os vivos podem fazer é aprender a viver com os seus sentimentos de perda.

Esta realidade é evidenciada no episódio pós-morte que Harry experiencia em *Deathly Hallows*, e em que encontra Dumbledore, também ele já no mundo dos mortos. Este episódio ilustra a crença cristã de que existe uma linha de transição entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Apesar de muitos feiticeiros também recearem a morte, alguns partilham a crença cristã de que a morte não é o fim e, por isso, chegam à conclusão de que práticas como a necromancia são completamente inúteis. Dumbledore ensina uma valiosa lição a Harry relativamente à tragédia da morte e à preciosidade da vida. Segundo o feiticeiro, não devemos ter pena dos mortos mas daqueles que ficam para trás e continuam a viver, principalmente aqueles que vivem miseravelmente e sem amor neste mundo. Por esses motivos, tal como a Varinha de Sabugueiro pode ser vista como o símbolo representante da magia, a Pedra da Ressurreição poderá ser associada não a rituais negros e macabros, mas às necessidades espirituais e religiosas dos seres humanos. Através da Pedra podemos testemunhar o amor e o sentimento de perda que experienciam aqueles que perderam uma pessoa amada. Por esta razão poderá ser vista como um símbolo religioso ou, pelo menos, como um símbolo do desejo de se ver pessoas amadas e falecidas mais uma vez e do facto de, muitas vezes não se conseguir ultrapassar esse desejo.

O último Talismã é o Manto da Invisibilidade que, como o nome indica, é utilizado pelo seu utilizador para se proteger e não ser visto pelos seus inimigos.⁸³ Este manto é escolhido pelo terceiro e último irmão do conto, o mais sábio e mais humilde dos três. A sua escolha foi feita de forma a que a Morte, a figura encapuzada, não o pudesse seguir, mas isto também não evita a sua morte. A escolha do terceiro irmão pode ser vista como uma tentativa de atrasar a morte o mais possível.

Não obstante, a utilidade do Manto da Invisibilidade não pode ser negada, visto que, ao contrário da Varinha de Sabugueiro, mantém os problemas à distância. Este Talismã poderá ser considerado o mais útil dos três Talismãs da série, devido aos seus incríveis poderes protetores.⁸⁴ Ao longo de toda a série o Manto da Invisibilidade

⁸³ No mundo de Harry, muitas bruxas e muitos feiticeiros possuem mantos da invisibilidade, mas estes mantos em geral não são infalíveis. São mantos mais vulgares que podem ser rasgados mais facilmente ou tornar-se mais opacos à medida que o tempo passa. Adicionalmente, estes mantos podem ser neutralizados por feitiços reveladores. No entanto, o Manto em questão é um verdadeiro Manto da Invisibilidade, uma criação mágica capaz de resistir a qualquer feitiço de revelação e este é um manto que é mais resistente do que qualquer outro e cuja magia protetora é capaz de durar para sempre, assim ocultando o seu utilizador permanentemente.

⁸⁴ Quando o trio protagonista se questionou qual era o talismã que cada membro do trio preferia ter, Hermione Granger, a mais inteligente do trio e aquela com maior capacidade e mais talento para feitiços, e também considerada a voz da racionalidade e da razão, escolheria o manto da invisibilidade, devido ao

mostrou-se indispensável, não só para a proteção de Harry, mas também para o desenvolvimento do enredo. De forma a poder realizar muitas das suas descobertas ao longo da série, Harry utiliza o manto para poder entrar em locais aos quais não poderia aceder de outras formas. Apesar de Harry ter por vezes utilizado o manto para algumas diabruras que realizara na sua escola, o manto sempre provou ser um objeto de extrema dependência e a capacidade de poder avançar em sítios perigosos ao longo da história é algo de que Harry nunca se atreveu a queixar. Na verdade, Harry não sente nada a não ser gratidão pelo manto que antes pertencera a seu pai e que fora herdado do irmão Peverell mais novo. Harry, tal como o irmão mais novo do conto, é alguém a quem se pode confiar objetos poderosos. Harry teve numerosas oportunidades para abusar do poder único e da impenetrabilidade do seu manto. No entanto (com a exceção de ter quebrados pequenas regras escolares) Harry utiliza o manto para seu proveito e também dos seus amigos. Com a ajuda do manto, Harry consegue proteger os interesses de toda a comunidade mágica, visto que o manto foi indispensável para o proteger de Voldemort (e encontrar os seus Horcruxes) e dos seus servos e para os derrotar (Irwin / Bassham, 2010: 349-350).

O manto é uma criação mágica usada para proteger o seu utilizador, mas é também um tipo de proteção que (como foi referido previamente) a ciência tem tentado reproduzir. O Manto da Invisibilidade pode ser visto como um sinal de progresso tanto no mundo da feitiçaria como no mundo real, pois através dele podemos ver que os feiticeiros possuem a mesma curiosidade que nós em explorar o mundo. Os feiticeiros aprendem com o mundo e, a partir dessa aprendizagem, desenvolvem os seus próprios mecanismos defensivos, que são usados para se protegerem do perigo. Apesar das suas capacidades mágicas e de observação, as suas formas de manufaturar objetos (ou poções/medicamentos) úteis são muitos semelhantes às dos próprios cientistas. Tal como os cientistas, os feiticeiros estudam e adaptam-se ao mundo que os rodeia de forma a poderem viver o seu dia-a-dia. Aproveito para aqui repetir o comentário de Francis Bacon, anteriormente mencionado, que sempre fora apologista de um modo esotérico e reformado de magia natural através do qual se pudessem alcançar resultados práticos. Na criação deste “Manto de Invisibilidade” encontramos um foco empírico nas maravilhas da natureza.

facto de este os ter protegido de Voldemort e dos seus servidores, os Devoradores da Morte, até aquele momento.

Se, como vimos atrás, a ciência tem feito tudo ao seu alcance para transformar sonhos em realidade, o Manto pode ser visto como um símbolo da ciência. Através deste Talismã, é estabelecida uma ligação entre a fantasia e a realidade e a magia e a ciência. Não quero dizer com isto, que a ciência é, propriamente, magia, mas antes que a ciência contém características extraordinárias que, para as pessoas em geral, não são muito diferentes da magia. É claro que a magia é puramente ilusória.

Em conclusão, os Talismãs podem ser vistos como representantes ou símbolos destes três tópicos: magia, religião e ciência, através dos quais a vida humana é estudada. Cobrindo os assuntos da magia, da religião e da ciência, os Talismãs da Morte dão força à imaginação de feiticeiros crentes (e de ávidos leitores da série também), estabelecendo deste modo uma relação com a realidade complexa do nosso mundo. Adicionalmente, podemos ver que estes três tópicos servem para responder a muitas questões quer de teor racional quer espiritual ou emocional que as pessoas enfrentam no seu dia-a-dia. Isto significa que, apesar de estes três tópicos diferirem em essência, servem o mesmo propósito que é ajudar-nos a alcançar uma melhor compreensão da vida e dos desejos do ser humano, seja através da imaginação, da fé religiosa ou através das muitas qualidades maravilhosas da ciência e do progresso. Em vez de serem comparados em função dos detalhes que os separam, estes três tópicos deviam ser comparados através do propósito que servem e que os aproximam. Tal como os Talismãs da Morte, estes três tópicos formam uma trindade que nos ilumina sobre a parte racional e espiritual, física e metafísica dos seres humanos. Por este motivo, acredito que lhes podemos chamar os Talismãs da Vida.

Conclusão

Confrontada com a forma como algumas organizações cristãs dos Estados Unidos da América têm vindo a censurar a saga *Harry Potter*, J. K. Rowling declarou ao *Washington Post*:

If you ban all the books with witchcraft and the supernatural, you'll ban three-quarters of children's literature. I positively think they are moral books. I've met thousands of children, but I've never met a single child who has asked me about the occult.⁸⁵

Esta afirmação de Rowling sublinha o argumento que me propus desenvolver ao longo desta dissertação: a magia, na saga *Harry Potter*, tem um valor simbólico e, acima de tudo, moral. Ao descrever um mundo de feiticeiros, Rowling lembra-nos que não há apenas uma forma de se ver o mundo, e propõe-nos que o vejamos através das lentes da magia, que não são de forma alguma conflitantes com as cosmovisões propostas pela ciência e pela religião. Mais ainda: ao trazer para os nossos tempos costumes, tradições e crenças antigas, Rowling recorda-nos que os alicerces da formação da identidade ocidental foram construídos precisamente sobre o entrelaçamento, desde tempos remotos, das cosmovisões da magia, da religião e da ciência.

A obra de Rowling reveste-se de facto de uma importância acrescida quando tentamos compreendê-la através das lentes propostas pelas três cosmovisões. É aí, quando se torna claro que apenas através de uma análise antropológica e sócio-histórica da saga é que nos aproximamos da essência da mensagem de Rowling, que compreendemos que a autora não escreveu apenas mais uma “historinha” para crianças, tendo-nos antes oferecido um relato edificante, uma mensagem de apaziguamento, de combate contra a estigmatização da diferença – ideias cada vez mais importantes para a formação das crianças e dos jovens, sobretudo nestes tempos difíceis que hoje atravessamos.

Neste sentido, esta dissertação constitui-se, acima de tudo, como uma defesa do valor (literário, cultural, antropológico, social) da saga *Harry Potter*, e da necessidade da sua consideração como uma obra de literatura séria, que merece estudo atento. Sinto-me particularmente grato pelo facto de o Curso de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade de Porto me ter proporcionado o espaço e as condições necessárias para o desenvolvimento deste trabalho.

⁸⁵ <http://www.religioustolerance.org/potter3.htm>

Bibliografia Primária

- Rowling, J.K. (1997), *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, Londres, Bloomsbury
- (1998), *Harry Potter and the Chamber of Secrets*, Londres, Bloomsbury
- (1999), *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*, Londres, Bloomsbury
- (2000), *Harry Potter and the Goblet of Fire*, Londres, Bloomsbury
- (2003), *Harry Potter and the Order of the Phoenix*, Londres, Bloomsbury
- (2005), *Harry Potter and the Half-Blood Prince*, Londres, Bloomsbury
- (2007), *Harry Potter and the Deathly Hallows*, Londres, Bloomsbury
- (2008), *The Tales of Beedle the Bard*, Londres, Children's High Level Group

Bibliografia Secundária

- Blake, William (2010), *The Marriage of Heaven and Hell*, Londres, Benediction Classics
- Butler, Rebecca P. (2003), "The Literature Continuum: The Harry Potter Phenomenon" in *School Libraries Online*, vol. 9, nr. 1, pp. 64-77
- Carr-Gomm, Philip / Heygate, Richard (2010), *The Book of English Magic*, Londres, Hodder & Stoughton
- Chaucer, Geoffrey (2011), *The Canterbury Tales*, Oxford, Oxford World's Classics
- Colbert, David (2008), *The Magical Worlds of Harry Potter: A Treasury of Myths, Legends, and Fascinating Facts*, Nova Iorque, Berkley Books
- Culpeper, Nicholas (1992), *Culpeper's Complete Herbal and English Physician*, Magna Books
- Einstein, Albert (1930), "Religion and Science" in *New York Times Magazine*, pp. 1-4
- (1939), "Science and Religion I" in *Ideas and Opinions*, pp. 41-49
- (1941), "Science and Religion II" in *Science, Philosophy and Religion, A Symposium*, Nova Iorque

- - (1948), "Religion and Science: Irreconcilable?" in *The Christian Register*, Nova Iorque, Crown Publishers
- Frazer, James (1915), *The Golden Bough: A Study in Magic and Religion* (3^a ed.), Londres, Macmillan
- Gimbutas, Marija (2001), *The Living Goddesses*, California, University of California Press
- Glucklich, Ariel (1997), *The End of Magic*, Oxford, Oxford University Press
- Grimm, Jacob / Grimm, Wilhelm (2014), *The Original Folk and Fairy Tales of the Brothers Grimm: The Complete First Edition*, Princeton, Princeton University Press
- Hirst, D.; Di Cristo, A. (1998), *Intonation Systems*, Cambridge, Cambridge University Press
- Irwin, William / Bassham, Gregory (2010), *The Ultimate Harry Potter and Philosophy Hogwarts for Muggles*, Nova Jérícia, Blackwell
- Knapp, Nancy Flanagan (2003), "In Defense of Harry Potter, An Apologia" in *School Libraries Online*, vol. 9, nr. 1, pp. 78-91
- Lévi-Strauss, Claude (1989), *O Pensamento Selvagem*, trad. Tânia Pellegrini, Brasil, Campinas
- Lewis, C.S. (2000), *The Complete Chronicles of Narnia*, Londres, Harper Collins Children's Books
- Malinowski, Bronislaw (1992), *Magic, Science and Religion and Other Essays by Bronislaw Malinowski*, Illinois, Waveland Press
- Mauss, Marcel; Brain, Robert (1975), *A General Theory of Magic*, New York, Norton

Rank, Otto (2008), *The Myth of the Birth of the Hero: A Psychological Interpretation of Mythology*, Londres, Forgotten Books

Sturgis, Amy H. (2004), "Harry Potter is a Hobbit: Rowling, Tolkien, and The Question of Readership" in *The Bulletin of The New York C.S. Lewis Society*, vol. 35, nr. 3, pp. 1-24

Styers, Randall G. (2004), *Making Magic: Religion, Magic and Science in the Modern World*, Oxford, Oxford University Press

Thorndike, Lynn (1905), "The Place of Magic in Intellectual History of Europe", Nova Iorque, Columbia University

Tolkien, J.R.R. (2007), *The Lord of the Rings*, Londres, Harper Collins

Virole, Benoit (2004), "Harry Potter's Cauldron: The Power of Myth and the Rebirth of the Sacred" in *Queen's Quaterly* vol. 111, nr. 3, pp. 371-378

Wells, H.G. (2014), *The Invisible Man*, Londres, Atria Books [1897]

Webgrafia*

<http://www.accio-quote.org/articles/2001/1201-bbc-hpandme.htm>, Marvolo & Thogersen, 2001

<http://edition.cnn.com/books/news/9910/21/rowling.intvu/>, s.a., 1999

<http://harrypotterforseekers.com/articles/chrisnihill.php>

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/1735623.stm>, s.a., 2001

<http://www.ala.org/bbooks/frequentlychallengedbooks/top10>

<http://www.psmag.com/navigation/books-and-culture/harry-potter-battle-bigotry-87002/>, Jacobs, 2014

<http://www.britannica.com/topic/number-symbolism>

<http://www.accio-quote.org/articles/1999/1199-osmonds.html>, Carmer, 1999

<http://www.publico.pt/ciencia/noticia/o-big-bang-exige-um-criador-diz-o-papa-francisco-1674433>, Barata, 2014

<http://www.telegraph.co.uk/news/science/science-news/3300033/Harry-Potter-magic-fact-behind-the-fiction.html>

<http://www.religioustolerance.org/potter3.htm>

*Sites acedidos pela última vez no dia 26 de setembro de 2015.